

RUGBY

QUADRIMESTRAL - MAI. '98 - N.º 15

MAGAZINE



TÉCNICO:

CAMPEONATO

AGRONOMIA:

TAÇA

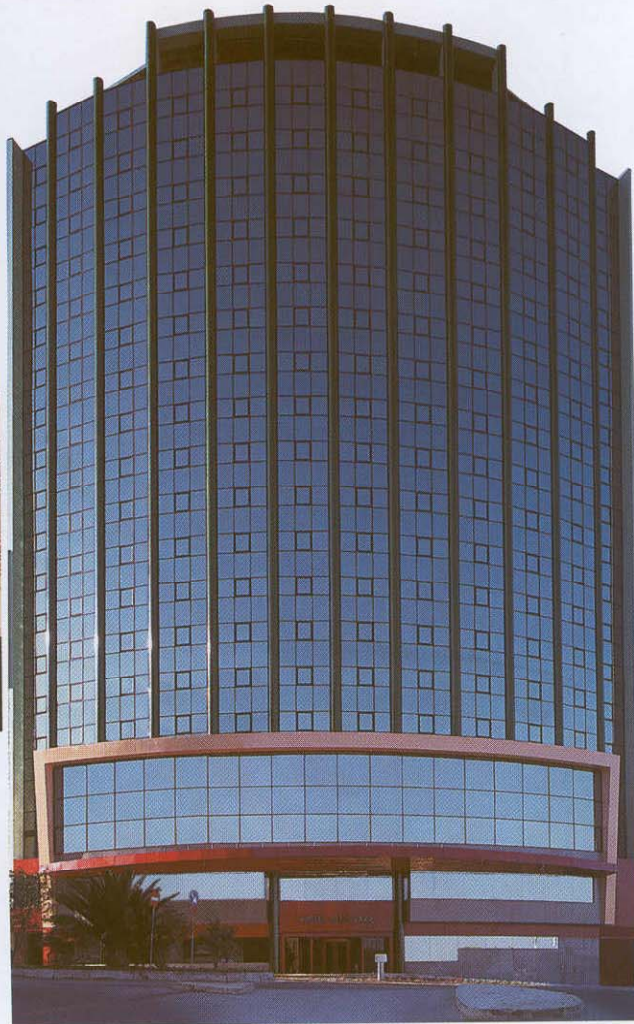
SELECÇÃO:

APURAMENTO

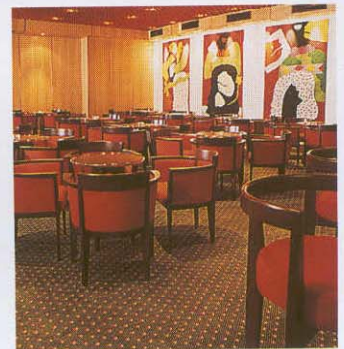
Conforto. Classe. Inovação. Na Rota da EXPO 98



O ALTIS PARK HOTEL dispõe de um dos mais modernos Centros de Congressos de Lisboa, com um Auditório devidamente equipado e com capacidade para 260 pessoas.



O ALTIS PARK dispõe de 300 confortáveis quartos, dos quais 15 são suites. O "lugar de encontro" é o simpático Bar, situado no hall do hotel.



ALTIS PARK HOTEL

CONFORTO. O Altis Park Hotel dispõe de 300 quartos (dos quais 15 suites), confortavelmente decorados, com ar condicionado, TV por satélite, rádio, telefone directo, minibar e totalmente insonorizados.

CLASSE. Pertencendo ao Grupo ALTIS, o Altis Park Hotel é um dos mais modernos hotéis de 4 estrelas de Lisboa, situado na Encosta das Olaias, na confluência das vias de acesso à EXPO 98.

INOVAÇÃO. O Altis Park Hotel oferece um dos mais modernos Centros de Congressos, Seminários e Banquetes de Lisboa, em 2 pisos de salas com capacidades de 20 até 1.500 pessoas. Na sua maioria as salas possuem luz natural e vista panorâmica, podendo ser divididas até 11 salas independentes e insonorizadas. Dispõe ainda de um moderno Auditório com capacidade de 260 lugares, devidamente equipado.

**Av. Eng. Arantes e Oliveira, 9 - 1900 LISBOA
Telef.: (01) 846 08 66/7/8 - Fax: (01) 846 08 38**

SUMÁRIO

NOTÍCIAS

Conselho de Administração da F.I.R.A., Protocolo com a França, Vitória internacional de juvenis, Rugby feminino, etc...

4

TAÇA

Agronomia venceu com brilhantismo a Taça de Portugal, frente à Académica, conquistando o troféu 20 anos depois.

12

CAMPEONATO

Num dos mais disputados campeonatos de sempre, o Técnico sagrou-se campeão em igualdade pontual com Direito.

14

SELECÇÃO

Nem a "habitual" derrota com Espanha retirou mérito à mais que previsível continuação no Mundial.

22

INTERNACIONAL

França e Fiji venceram as 5 Nações e o Hong Kong Sevens. Todos os resultados do apuramento para o Mundial.

26

MEDICINA

O médico da selecção nacional faz a abordagem das principais lesões traumáticas no rugby.

32



Foto: Carlos Carvalho/CM

Capa: Fotos de Pedro Paiva/CM

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR:

Luís Claro

EDITOR:

António Henriques

COLABORARAM NESTE NÚMERO:

António Coelho, Hernâni Pinheiro, Inácio Mendes Silva, Olgário Borges, Pedro Granate, Pedro Sousa Ribeiro

REDACÇÃO, PROPRIEDADE E ADMINISTRAÇÃO:

Federação Portuguesa de Rugby

CONSELHO EDITORIAL:

Raul Martins e Jorge Galamba

MARKETING:

Santos Serra

REALIZAÇÃO GRÁFICA:

Impritécnica, Artes Gráficas, Lda.

PERIODICIDADE:

Quadrimestral

TIRAGEM:

1 500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL N.º 71781/94

EDITORIAL

Esta nova época trouxe alterações, quanto à forma e número de equipas, aos Campeonatos de Seniores e delimitou as actividades nacional e internacional.

O campeonato de Seniores da I Divisão trouxe uma melhoria competitiva graças ao equilíbrio entre os seis primeiros e na fase final houve emoção até à derradeira jornada.

O trabalho aprofundado que técnicos e jogadores desenvolveram na maioria dos clubes estão na base do sucesso das suas equipas. Pena é que outros não tenham a liderança necessária para ultrapassar questões pessoais e acabem prejudicados no resultado final.

Novos clubes surgem por vezes sem as necessárias infraestruturas que permitam a sua implantação. A interligação com os municípios e as escolas é fundamental para prosseguirem a sua actividade.

A época internacional da selecção e dos clubes tem sido bastante positiva, ao mesmo tempo que a organização do Rugby Juvenil vai melhorando.

Estamos no caminho certo.



RAUL MARTINS

Presidente da Federação Portuguesa de Rugby

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FIRA

Projectos Portugueses acolhidos em Toulouse



O Conselho de Administração da FIRA, de que são membros Raul Martins, presidente da F.P.R. e João Ataíde, e a Comissão Desportiva daquele organismo, reuniram-se em Toulouse, em 11 e 12 de Abril, por ocasião do Campeonato do Mundo de Juniores.

Raul Martins, juntamente com César Pegado, da Comissão Desportiva, apresentaram um projecto de Campeonato da Europa, a ser disputado pelas selecções nacionais seniores (incluindo as britânicas) no intervalo entre Campeonatos do Mundo. Este projecto – que foi antes abordado em reunião com Vernon Pugh, o presidente da Internacional Rugby Board – teve o melhor acolhimento por parte da Comissão Desportiva e do Conselho de Administração e tudo leva a crer que será aprovado e posto em prática já a seguir ao Campeonato do Mundo de 1999.

Entretanto, o Director Técnico Nacional, Olgário Borges, com o apoio de César Pegado, apresentou à Comissão Desportiva uma cassette video intitulada

“Bitoque Rugby” que mostra a iniciação à modalidade em recintos fechados e de piso duro. Esta alternativa – de extremo significado para países que não contem com suficientes instalações e/ou sofrem condições climáticas adversas em grande parte do ano – foi alvo de referências elogiosas, medindo-se a receptividade das Federações representadas pelo elevado número de encomendas da cassette.

No que respeita a eleições para o Bureau da FIRA verificou-se a recondução de João Ataíde como Vice-Presidente daquele organismo, cargo que ocupa desde 1990, mas agora com o pelouro que abrange, além de matérias jurídicas em geral, as áreas de estatutos, regulamentos, qualificações de jogadores, transferências, disciplina, litígios e recompensas.

O Conselho de Administração da FIRA reunirá de novo em princípios de Junho, em Santiago do Chile, por ocasião do Congresso Anual daquele organismo internacional.

PROTOCOLO

Cooperação entre Portugal e França

É assinado a 30 de Maio na Lousã um protocolo entre a FPR, o Comité Midi Pyrenées e o Comité departamental de Tarn e Garonne, representados pelos respectivos presidentes, Raul Martins, Jean-Claude Baqué (igualmente presidente da FIRA) e Claude Graniou. Este protocolo, que é estabelecido pela

primeira vez, tem como objectivo a formação de quadros técnicos (englobando cursos ministrados por técnicos franceses no nosso país e estágios de treinadores portugueses em França), formação de árbitros, intercâmbio de selecções jovens e de seniores, bem como entre clubes dos dois países.

miltours
PORTUGAL

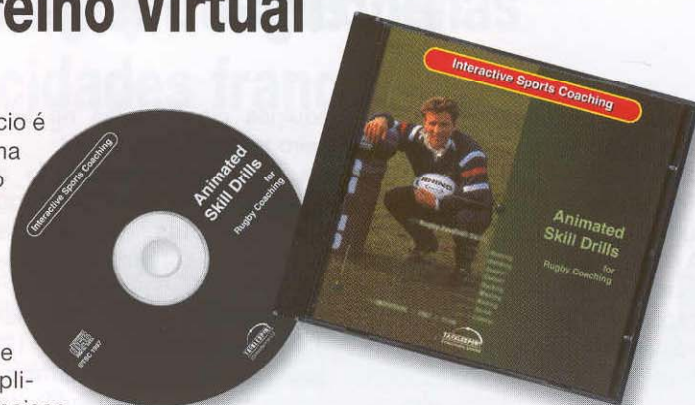
TUI GROUP

MULTIMÉDIA

Auxiliar de Treino Virtual

As novas tecnologias já chegaram ao rugby, e a ajuda que proporcionam em termos de treino é bem significativa. Por exemplo, já se encontra disponível em Portugal o CD-Rom para PC/Interactive Sports Coaching, um precioso auxiliar para treinadores e jogadores. O CD está dividido em dez áreas de treino: Running, Handling, Support, Continuity, Contact, Rucking, Mauling, Kicking, Scrum e Lineout. Em cada uma delas, são detalhados 20 a 35 exercícios, num total de 250 ao longo de

todo o CD. Cada exercício é acompanhado por uma explicação do objectivo pretendido, a evolução esperada e a indicação de todo o material necessário para a sua realização. Se ficou interessado e pretende mais explicações, contacte Francisco Martins (telemóvel: 0931-51 96 75).



RUGBY FEMININO

Enquanto as Neo-Zelandandesas se sagram campeãs do mundo...

O **rugby feminino** deu os seus primeiros passos em Portugal há uns anos atrás. Apareceram então algumas equipas, mas passado pouco tempo estas foram perdendo o interesse, talvez por não haver competição, e o jogo praticado por senhoras acabou mesmo por desaparecer no nosso país.

Esta época e como resultado de algumas – mas fortes – boas vontades, voltámos a ter a alegria de ver equipas

femininas a praticar o jogo da bola oval. A Federação tem dado todo o apoio e nos convívios de Benjamins e Infantis têm sido incluídos jogos com equipas dos clubes que apareceram a praticar rugby feminino: Loulé, Bairrada e Belenenses - Big Girls. Sabemos que brevemente o Arcos de Valdevez também vai aparecer e esperamos que outros clubes lhe sigam o exemplo, para que na próxima época possamos ter competição a nível nacional.

Enquanto isso lá fora, o rugby feminino já vai na sua III Taça do Mundo. Após vitórias dos Estado Unidos na primeira edição, e da Inglaterra na segunda, a Nova-Zelândia conquistou a prova, realizada entre 1 e 16 de Maio em Amsterdão. Na final, as neo-zelandesas bateram os Estados Unidos por 44-12. Para o 3.º e 4.º lugares, a Inglaterra venceu o Canadá por 81-15. Restantes classificações: 5.º Austrália, 6.º Escócia, 7.º Espanha e 8.º França.



Será que alguma vez as Belenenses – Big Girls terão possibilidades de enfrentar as All Blacks, campeãs do mundo?

SEVENS DE PARIS

Portugal desilude só com derrotas

A selecção nacional de seniores deslocou-se a Paris, para participar no Torneio Air France Sevens 98, o qual teve lugar nos dias 16 e 17 de Maio. A prestação portuguesa acabou por não fugir ao esperado, face à equipa apresentada – diversas lesões e impedimentos não permitiram a deslocação de alguns jogadores-chave. Assim, não foi conseguido melhor que o último lugar na sua série de apuramento no dia inaugural, tendo acabado por ser eliminada logo no primeiro jogo da Bowl Cup, taça destinada às

equipas classificadas no terceiro lugar da fase inicial.

Na série de apuramento a selecção nacional averbou duas derrotas, frente aos Barbarians sul-africanos (35-19) e ao Canadá (47-0).

No último dia, acabou eliminada pela Alemanha por 22-17, após prolongamento terminado com *morte súbita* após os 17-17 no fim do tempo regulamentar.

A selecção nacional apresentou os seguintes jogadores: Luís Pissarra e Nuno Mourão (Técnico), Timothy King e Filipe Saldanha (Agronomia), João

Pedro Varela e Gonçalo Malheiro (CDUP), António Pinto e Pedro Braga (Cascais), Abel Pinto (CRAV) e Murray Cox (Académica) – na foto –, que se estreou a jogar com a camisola portuguesa.

O Torneio foi ganho pela Austrália, que na final bateu a Nova-Zelândia por 33-26. A Plate Cup, destinada aos segundos classificados das séries do primeiro dia, foi conquistada pelo Barbarians sul-americanos, que derrotaram na final a selecção de Paris por 36-17. Quanto à Bowl Cup, a vitória sorriu ao Japão.



JUVENIS

Seleccção do Sul triunfa em Toulon

A Seleccção Regional do Sul de Juvenis

venceu brilhantemente o Torneio Internacional René Combeau disputado em Toulon, França, nos passados dias 9 e 10 de Maio. A jovem equipa portuguesa teve um excelente comportamento, demonstrando os seus jogadores assinaláveis capacidades física, técnica e psicológica. Os resultados efectuados pela equipa portuguesa durante a prova foram os seguintes:

Poule de Apuramento

Portugal Sul, 26 - La Seyne (França), 0
Marcaram: Francisco Coimbra (5); Pedro Milreu (5+5); Diogo Bleck (5); Martim Oliveira (2+2+2)

Portugal Sul, 21 - Génova (Itália), 7
Marcaram: Francisco Chaves (5); Vasco Gaspar (5+5); Martim Oliveira (2+2+2)

1/4 de Final

Portugal Sul, 7 - Tunísia, 0
Marcaram: Pedro Milreu (5); Martim Oliveira (2)

1/2 Final

Portugal Sul, 12 - Espanha, 6
Marcaram: Martim Oliveira (3+3); Francisco Chaves (3); Manuel Teixeira (3)

Final

Portugal Sul, 5 - Ilhas Reunion, 0
Marcaram: Pedro Milreu (5)

Participaram nesta vitória os seguintes jogadores:

Daniel Ferreira, Diogo Belém, Duarte Champalimaud, Manuel Teixeira, Martim Oliveira, Pedro Almeida, Rui Heleno (Cascais); Diogo Bleck, Francisco Chaves, Francisco Coimbra, José Pedro Lima (CDUL); Diogo Fialho, Luís Paixão, Miguel Garcia (cap.) (Évora); Francisco Santos, José Pinto, Miguel Leal, Vasco Gaspar (Direito); Miguel Vaz Pinto, Paulo Santos, Pedro Milreu (Belenenses)

Técnico: João Bettencourt.

II DIVISÃO

UTAD é o novo primodivisionário

A Universidade de Trás-os-Montes-e-Alto-Douro (UTAD) venceu brilhantemente o Campeonato Nacional da II Divisão, ascendendo assim na próxima época, ao escalão maior do rugby português, por troca com o Rugby Clube de Coimbra, último classificado da I Divisão. Os trasmontanos superiorizaram-se às restantes equipas, tendo os Pescadores da Costa da Caparica sido o seu principal rival.

Após duas épocas consecutivas em que o Campeonato da II Divisão foi conquistado por equipas de Lisboa, os históricos Benfica (1995/6) e Direito (1996/7) é de assinalar este triunfo obtido por uma equipa de uma cidade tão afastada dos centros de decisão do rugby português.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º - UTAD; 2.º - GDP Costa da Caparica; 3.º - RC Loulé; 4.º - RC Bairrada; 5.º - Caldas Sport Clube; 6.º - RC Tondela (desistiu da Fase Final).

A **RM** congratula-se e saúda os responsáveis, jogadores e apoiantes da UTAD pelo êxito alcançado, pois é com muita alegria que se recebe a cidade de Vila Real, a partir da próxima época, como mais um palco para partidas de rugby da I Divisão.

A **RM** congratula-se e saúda os responsáveis, jogadores e apoiantes da UTAD pelo êxito alcançado, pois é com muita alegria que se recebe a cidade de Vila Real, a partir da próxima época, como mais um palco para partidas de rugby da I Divisão.



TAÇA DA EUROPA

Bath quebra hegemonia gaulesa

Os ingleses do Bath conquistaram a III Taça da Europa, ao vencerem na final realizada em Bordéus os franceses do Brive por 19-18, num jogo presenciado por 36.500 espectadores.

Com este desaire, as equipas gaulesas não conseguiram alcançar o terceiro triunfo consecutivo na prova, após as vitórias do Stade Toulousain e do Brive nas duas primeiras edições. Ao intervalo, os franceses venciam por 15-6, mas no segundo tempo os ingleses deram a volta ao resultado, obtendo assim o maior êxito da história do Bath, o clube mais afamado e com mais títulos de Inglaterra.

Na formação vencedora destacou-se o defesa Jonathan Callard (na foto), autor de todos os pontos do Bath.



RAZÕES PARA A DIFERENÇA

O Rugby nas pequenas cidades francesas

Na recente estadia da Selecção Nacional de Juniores em França para disputar o Campeonato do Mundo, houve oportunidade de passar alguns dias em pequenas cidades francesas onde se realizaram os jogos da equipa nacional. O quinze português disputou o jogo com o Paraguai em Valence d'Agen, com a Bélgica em Moissac, e com a Geórgia em Castanet-Tolosan.

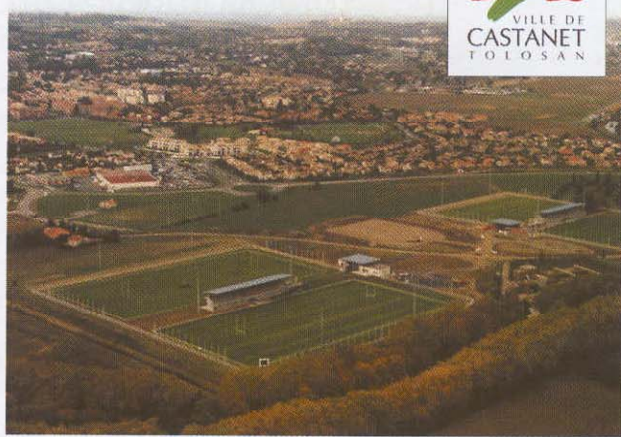
Qualquer destas pequenas cidades tem complexos desportivos que nos deixaram francamente espantados: dois ou três campos para jogos de rugby e mais um ou dois para treinos, além de bancadas cobertas, balneários e salas para tudo quanto é necessário como suporte. Mas o nosso espanto não ficou por aqui: Todos estes complexos desportivos foram construídos pelas autarquias, que suportam igualmente toda a manutenção dos mesmos.

Tivemos ainda oportunidade de verificar nas recepções que as autarquias nos proporcionaram, todo o carinho que os seus Presidentes e restantes autarcas dispensam ao Desporto e muito especialmente ao seu Rugby. Verificámos

igualmente como funciona a Federação Francesa e Associações Regionais. Como exemplo diremos que nenhum clube pode disputar Campeonatos se não tiver equipas nos escalões mais jovens e que estas equipas têm de ser treinadas pelo menos por um treinador qualificado pela F.F.R..

Também os clubes não podem proibir que os seus jogadores estejam presentes nas Selecções para que forem convocados.

Assim, pensamos, não é difícil o rugby progredir e atingir o nível que nos habituámos a ver nas equipas francesas.



IMPRITÉCNICA
ARTES GRÁFICAS, LDA.

Praticamos Ideias

Dep. Criativo
Maquete - Arte Final
Fotocomposição - Fitolito
Impressão - Acabamento

RUA VELOSO SALGADO, 27 - R/C. ESQ. • 1600 LISBOA
TEL.: 793 56 89 - 793 57 68 • FAX: 796 54 00



Rugby Juvenil

ASSOCIAÇÃO DE RUGBY DO SUL

Época de sucesso

A ASSOCIAÇÃO DE RUGBY DO SUL (ARS) TEM SIDO RESPONSÁVEL POR TODA A ORGANIZAÇÃO, PLANEAMENTO, CALENDARIZAÇÃO E EXECUÇÃO DO QUADRO COMPETITIVO DO RUGBY JUVENIL DA REGIÃO SUL.

A pesar de não se ler nos jornais e da maioria da nossa família rugbística por eles só se interessar liricamente, o que é certo é que tem sido uma época imensa cheia de alegria e movimento. Contrariando os mais pessimistas, temos a certeza que o rugby juvenil está vivo (embora a precisar de mais apoio), e pronto a formar novos jogadores e jovens árbitros. Ao longo desta época tem-se vindo a notar uma evolução no nível técnico apresentado pelas equipas. O mesmo acontece ao nível organizacional das provas calendarizadas, o que demonstra um melhor entendimento entre a ARS, a FPR e os clubes.

Como factor extremamente positivo e essencial, não podemos deixar de referir a participação e a colaboração dos clubes com campo próprio, na organização de jogos e torneios, o que veio diversificar e dinamizar as actividades propostas pela ARS, contribuindo assim para o desenvolvimento qualitativo deste sector sensível da nossa modalidade.

A ARS, ao elaborar um quadro competitivo nos diversos escalões tão vasto permitiu aos clubes, que através do jogo, os seus jovens praticantes ganhassem o interesse e a motivação necessária para continuarem naturalmente ligados à modalidade. Paralelamente, aprenderem e desenvolverem as técnicas de base fundamentais, perante a riqueza específica das situações inerentes ao jogo. Esta época, a ARS deu particular importância ao aparecimento, e consequente formação semanal de novos jovens árbitros (muitos ainda praticantes), permitindo que quase todos os jogos fossem dirigidos pelos mesmos. Com isto, pretende-se que os jovens se interessem também por esta área específica da modalidade, e se consiga de alguma forma superar esta lacuna existente em todos os escalões do rugby português.

Pela primeira vez, e em parceria com a

FPR, iniciou-se uma colaboração com o rugby escolar, nomeadamente com acções de formação destinadas a professores de educação física, por forma a ensinar a modalidade nos pisos duros existentes na maioria das nossas escolas. Criou-se assim o bitoque rugby (Henrique Rocha, José Cordovil) e o jogo formal 5X5, adaptação aos pisos duros

(Tomás Morais) que permite aos professores ensinarem nas suas aulas de educação física e nas actividades extra-curriculares - desporto escolar, uma adaptação da nossa modalidade.

Nos escalões de benjamins e infantis têm sido realizados torneios quinzenais alternando com convívios nacionais e mini-torneios organizados pelo Cascais.



Belenenses e Técnico sagraram-se vencedores do torneio regional de iniciados



Rugby Juvenil

Têm participado com mais regularidade nestes torneios as equipas do Belenenses, Évora, Cascais e CDUL. Sendo a grande novidade nestes escalões a colocação do educador de cada equipa dentro da área de jogo, de modo a orientar pedagogicamente os seus jogadores. Consideramos também positivo o aparecimento de novas equipas, tais como o Costa da Caparica e o CR Santarém.

Tem tentado a ARS em conjunto com a FPR a organização de mini-torneios antes dos grandes acontecimentos do rugby sénior, o que até agora se tem conseguido com algum sucesso.

O escalão de iniciados tem sido o mais frágil desta época, devido essencialmente ao desaparecimento de algumas equipas (Direito, Benfica, Belas e Loulé). Realizou-se o Torneio Regional com apenas seis formações e do qual saíram

vencedores o Belenenses e o Técnico, apurando-se assim directamente para o Torneio Nacional. Neste momento encontra-se em disputa o Torneio Primavera, que infelizmente tem sido caracterizado por um adiamento de alguns jogos, levando a repensar a sua continuidade na próxima época.

O escalão de juvenis constituiu um êxito, devido à qualidade técnica demonstrada pelas quatro equipas participantes na fase final regional (Cascais, Belenenses, Évora e CDUL). Estão apuradas para disputar o Torneio Nacional o Belenenses e o Cascais. Premiando estes jovens, e para grande alegria da ARS, foi possível a participação no Torneio Internacional de Juvenis René-Combeau - Nice, França, nos dias 9 e 10 de Maio. Como grande novidade para este verão, existe o projecto Férias Desportivas que vai decorrer durante o mês de Julho nas

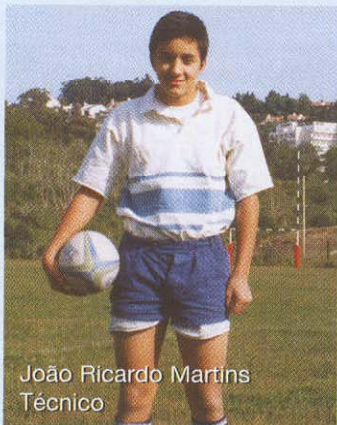
praias de Carcavelos, Praia das Maças, Praia de Sta Cruz e Praia da Areia Branca. Este projecto surge de uma acção concertada das Associações Regionais de Andebol, Futebol, Rugby e Voleibol, em estreita colaboração com as autarquias locais e com a delegação de Lisboa do Instituto Nacional de Desporto. No caso específico da nossa modalidade, durante a semana realizar-se-ão clínicas de iniciação e aperfeiçoamento, com o objectivo único de sensibilizar, divulgar e captar novos praticantes para a prática do rugby, e ao sábado realizar-se-ão torneios abertos de touch rugby ou rugby de 5X5 para equipas de clube, ou outras.

Finalizando, gostaríamos de dar os parabéns a todos os jovens praticantes, árbitros, dirigentes e pais, que de uma forma activa contribuíram para o sucesso obtido esta época. ●

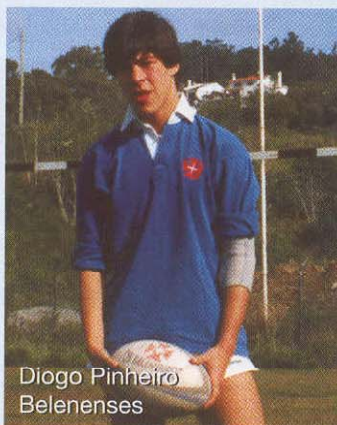
OUVINDO OS JOVENS CAPITÃES

RM ouviu as opiniões dos capitães das equipas mais em evidência na Zona Sul, Técnico e Belenenses, ambos apurados para a Fase Nacional, e Cascais, o clube que maior "salto" deu esta época a nível do rugby juvenil.

A todos colocámos as mesmas perguntas: **Como apareceste no Rugby? Que pensas da modalidade? Que aspirações tens quanto ao futuro? Como vês o Rugby no teu clube? Que pensas do Rugby nacional? Que responsabilidades sentes como capitão da tua equipa?**



João Ricardo Martins
Técnico



Diogo Pinheiro
Belenenses



Nuno Horta e Costa
Cascais

Joga há quatro anos e é formação.

- Fui para o rugby levado por um amigo.
- É um desporto porreiro, viril. E como se joga em equipa, dá origem a muitas amizades.
- Quero continuar no rugby e aspiro ser internacional.
- Como tem boas instalações e está bem organizado certamente irá melhorar no aspecto desportivo.
- É pouco divulgado e precisa de apoios. Não é conhecido nas escolas e é aí que deve ser introduzido.
- É uma grande responsabilidade pois tem que se dar o exemplo.

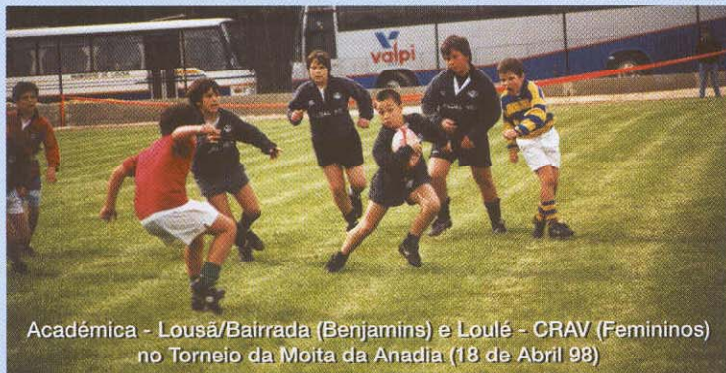
Joga há cinco anos e é defesa.

- Ia ver os jogos com o meu pai, gostei do rugby e acabei por jogar.
- Há um grande convívio entre todos e criam-se muitas amizades.
- Dedicar-me o mais possível ao rugby, sem prejuízo da escola, chegar às Selecções Nacionais e entrar na Alta Competição.
- Há muita gente a treinar. Se tivéssemos um campo tudo seria ainda melhor.
- Penso que tem progredido, dentro das nossas limitações. As equipas são mais aproximadas e logo há mais competitividade.
- Temos que dar o exemplo aos nossos companheiros e transmitir-lhes as ideias dos nossos treinadores.

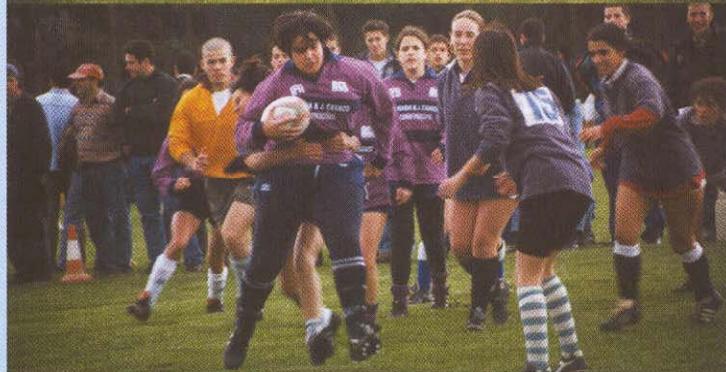
Joga há quatro anos e é talonador.

- Pedi a um amigo para me levar a um treino, gostei e fiquei.
- É um desporto ótimo. Aprendemos a ser disciplinados e a ter respeito pelos outros. Criam-se muitas amizades.
- Chegar aos Seniores e ser internacional.
- O Cascais tem-se esforçado por fazer um bom trabalho e tem-no conseguido, o que é muito importante para o futuro.
- Está pouco desenvolvido em relação a outros países.
- Sinto uma grande responsabilidade perante os meus colegas de equipa e adversários, pois tenho que lhes servir de exemplo.

Rugby Juvenil



Académica - Lousã/Bairrada (Benjamins) e Loulé - CRAV (Femininos) no Torneio da Moita da Anadia (18 de Abril 98)



Actividades Nacionais 97/98

11 OUT	Oeiras	Conv. Nac. de Iniciados
11 OUT	Oeiras	Conv. Nac. de Juvenis
18 OUT	Oeiras	Conv. Nac. de Benjamins e Infantis
13 DEZ	Coimbra	Conv. Nac. de Benjamins e Infantis
21 DEZ	Coimbra	Torneio entre Selecções Regionais de Juvenis
21 DEZ	Moita da Anadia	Torneio entre Selecções Regionais de Iniciados
17 JAN	Lousã	Conv. Nac. de Benjamins e Infantis
07 MAR	Cascais	Conv. Nac. de Femin., Bambis, Benj. e Infantis
18 ABR	Moita da Anadia	Conv. Nac. de Femin., Bambis, Benj. e Infantis
09 MAI	Loulé	Conv. Nac. de Femin., Bambis, Benj. e Infantis
17 MAI	Lisboa	Torneio Nacional de Iniciados (E.N.)
17 MAI	Lisboa	Torneio Nacional de Juvenis (E.N.)
31 MAI	Lisboa	Torneio Nacional de Sevens-Juvenis (E.N.)
31 MAI	Lisboa	Torneio Nacional de Sevens-Iniciados (E.N.)
10/12 JUN	Foz de Arouce	Estágio de Verão para Juvenis

Seleção Nacional de Juvenis em Digressão

Nos passados dias 4 a 10 de Abril, a Seleção Nacional de Juvenis efectuou uma digressão ao País de Gales e Inglaterra, tendo disputado jogos em Cardiff (País de Gales "A"), Bridgewater (Inglaterra) e Llanelli (País de Gales). Esta deslocação inseriu-se no quadro do intercâmbio iniciado em 1979 com as selecções nacionais de juvenis daqueles países. Os resultados dos jogos ficaram aquém do que era esperado, não obstante o empenhamento dos jogadores e da equipa técnica, bem como as expectativas optimistas criadas pelos resultados obtidos na época anterior em Lisboa, em que Portugal ganhou um dos jogos com o País de Gales e perdeu o outro, tendo sido derrotado também pela Inglaterra, mas por diferenças reduzidas.

Os nossos jovens acusaram alguma falta de competitividade, não tendo podido demonstrar as suas capacidades de ataque - cerca de 70% do tempo total dos jogos foi passado a defender - ou de construção de jogo ofensivo em que possuem vantagens comparativas, face a adversários que disputam provas internas muito mais competitivas ou com intensa oposição, mas que não revelaram versatilidade ou imaginação atacante fora do comum, face à quantidade de jogo de que dispuseram.

Foi assim que as nossas segundas partes foram sempre muito melhores do que as primeiras, e que o último jogo, disputado em Llanelli, sob um tempo inimaginável nos

piores invernos de Lisboa, revelou finalmente uma atitude de verdadeiro rugby, desde o principio ao fim, e um espirito de ataque que entusiasmou a notável assistência ao jogo - na qual se contava o Presidente e altos dirigentes da Federação Galesa de Rugby - e que foi sublinhado, na tradicional *terceira parte* do jogo, pelos dirigentes galeses.

Socialmente a digressão foi um êxito, tendo a comitiva sido maravilhosamente recebida por galeses e ingleses, sendo de assinalar o comportamento exemplar dos jogadores, que foram elogiados pela sua conduta, quer dentro de campo - não houve qualquer incidente menos agradável nos três jogos disputados - quer em termos sociais, nomeadamente no hotel em Cardiff, onde permaneceram.

Em jeito de balanço, considera-se que a digressão atingiu os objectivos pretendidos: a insubstituível experiência competitiva de alto nível, que muito ajudará a evolução qualitativa destes jovens na sua "caminhada" rugbística e, por arrastamento, a melhoria dos seus clubes e também o contributo mais valioso que poderão dar às selecções nacionais de juniores e de seniores que muitos deles virão, provavelmente, a representar. Por outro lado ficaram reforçados os laços de amizade com as federações daqueles dois países, que aceitaram os convites para se deslocarem a Portugal no próximo ano, em Fevereiro (País de Gales) e pela Páscoa (Inglaterra). ●

Resultados:

País de Gales A, 32 - Portugal, 7
Inglaterra, 45 - Portugal, 0
País de Gales, 27 - Portugal, 7

Lista de Jogadores:

Vasco Nunes (Académica)
Vasco Antunes (Benfica)
Diogo Fialho (Évora)
Hugo Ferreira (CDUP)
Francisco Fragateiro (CDUP)
Rui Abreu (Académica)
Francisco Coimbra (CDUL)
Miguel Garcia (Évora) (capitão - 5)
José Pinto (Direito)
Duarte Cardoso Pinto (Agronomia) (2,2)
Luis Paixão (Évora)
João Monteiro da Costa (Académica)
João Branquinho (Académica)
Pedro Milreu (Belenenses)
Manuel Teixeira (Cascais) (5)
Carlos Santos (Tondela)
Diogo Belém (Cascais)
José Pedro Lima (CDUL)
Diogo Bleck (Cascais)
Duarte Champalimaud (Cascais)
Miguel Vaz Pinto (Belenenses)
Paulo Santos (Belenenses)
Bernardo Vasquez (CDUP)
Martim Oliveira (Cascais)
Miguel Leal (Direito)
Rui Heleno (Cascais)
Daniel Pinto (Académica)

Treinadores:

Arnaldo Neto e Rui Caldas

PORTUGAL NÃO CONSEGUE ACESSO AO GRUPO A

Objectivo falhado

DERROTADOS PELA GEÓRGIA NA FINAL, OS JUNIORES NACIONAIS VÃO MANTER-SE NO GRUPO B DO MUNDIAL.

A Selecção Nacional de Juniores viu frustradas as suas expectativas de ascender ao Grupo A do Mundial do escalão, ao perder na final do Grupo B frente à Geórgia, na competição realizada na área de Toulouse no passado mês de Abril.

Até chegar à partida decisiva, Portugal começou por vencer o Paraguai (17-6), seguindo-se nas meias-finais a Bélgica, igualmente derrotada por 28-9. Após estas duas fáceis vitórias, aguardava-se igual triunfo frente aos georgianos. Mas na final, os portugueses não foram capazes de ultrapassar as suas insuficiências, ao intervalo já perdiam por 20-0, e apesar de uma melhoria no segundo tempo terminaram derrotados por 25-7.

Ao longo desta época internacional, e após a derrota frente ao País de Gales no Porto (19-6), a selecção nacional surpreendera ao derrotar em Salamanca a sua congénere espanhola por 22-14. Mas quando tudo indicava ser possível a subida ao Grupo A do Mundial, o objectivo acabou por não ser atingido.

Nesta 30.ª edição do Mundial FIRA de Juniores a vitória coube à surpreendente Irlanda, que bateu na final a equipa da casa, a França, por concludentes 18-0. Este título deve-se a um trabalho que já dura há dois/três anos com estes jogadores, à maior maturidade dos seus elementos — grande parte deles já joga em equipas seniores —, e uma grande experiência internacional, graças aos constantes contactos proporcionados.

No encontro de atribuição do terceiro e quarto lugares, a Argentina venceu o Canadá por esclarecedores 68-0. ●



Os juniores de 98 não conseguiram a subida ao grupo A como aconteceu em 96

X Jogo completo • Jogo incompleto	P. Gales	Espanha	Paraguai	Bélgica	Geórgia
João Costa (Direito)	X	X	X	X	X
Hugo Rodolfo (Académica)	X	•	•	X	X
Ricardo Benedito (Académica)	•	-	X	X	-
José Pereira (Évora)	•	•	-	-	-
João Vaz (Direito)	X	X	•	-	-
André Lima (Académica)	•	•	•	X	X
Manuel Ferrão (Belenenses)	•	-	X	•	X
Nuno Príncipe (CDUP)	X	X	X	X	•
Gonçalo Barros (Agronomia)	•	•	•	-	•
João Uva (Belenenses)	•	•	-	•	X
Pedro Costa (CDUP cap.)	X	X	x 5	X	x 5
Bernardo Aguiar (Direito)	•	-	•	•	•
João Lima (CDUP)	•	•	•	-	•
Miguel Freitas (CDUP)	x 3, 3	X	x 2	X	x 2
Daniel Correia (Grenoble)	X	x 5	x 5	X	X
Pedro Gutierrez (Benfica)	•	-	-	-	-
Ricardo Redondo (Lousã)	•	• 2, 2, 3	-	-	-
Pedro Vareta (CDUP)	X	X	X	X	X
Francisco Fontes (CDUP)	• x 5	-	X	X	X
Diogo Gama (Benfica)	•	-	-	-	-
Francisco Gama (Benfica)	X	-	-	-	-
Michel da Cruz (Grenoble)	-	•	X	-	-
André Santos (CDUP)	-	•	•	•	•
Bernardo Cabral (Belenenses)	-	•	•	•	•
Tiago Lima (Académica)	-	• 5	•	•	•
Francisco Moreira (Belenenses)	-	X	•	X	•
Bruno Figueiredo (C. Caparica)	-	-	x 5	-	-
Camilo Conceição (Académica)	-	-	X	X	X
Diogo Seco (CDUP)	-	-	-	-	•
	6-19 (6-8)	22-14 (5-7)	17-6 (7-6)	28-9 (5-6)	7-25 (0-20)

AGRONOMIA VENCE TROFÉU PELA SEGUNDA VEZ

Tardia e saborosa colheita

VINTE ANOS DEPOIS DA PRIMEIRA TAÇA, E NUM JOGO EM QUE ESTEVE A PERDER POR 15-0, A EQUIPA DA TAPADA VOLTOU A CONQUISTAR UM TÍTULO NO ESCALÃO SÉNIOR. E A FESTA FOI ATÉ ÀS TANTAS...

Muitos dos que aplaudiram e saltaram para o relvado do Jamor no final do encontro para vitoriar a sua equipa, nunca tinham saboreado a conquista de um título dos agrónomos. É que faz precisamente vinte anos que Agronomia, ao derrotar o Belenenses por 12-11, vencera a sua até aqui única Taça de Portugal no escalão sénior, e alguns daqueles jovens ainda nem sequer eram nascidos.

Ao derrotar a Académica por 33-15, o "quinze" da Tapada não só terminou a época da melhor forma, dando sequência a todo o trabalho que veio desenvolvendo nos últimos anos, como impediu os "estudantes" de conquistar o quarto triunfo consecutivo na prova – o que estabelecerá um recorde difícil de superar.

Os agrónomos que já nas meias-finais ao eliminarem após excelente exibição a equipa-sensação da época, Direito, por 30-10, tinham demonstrado estar em crescendo de forma, voltaram cinco semanas depois a

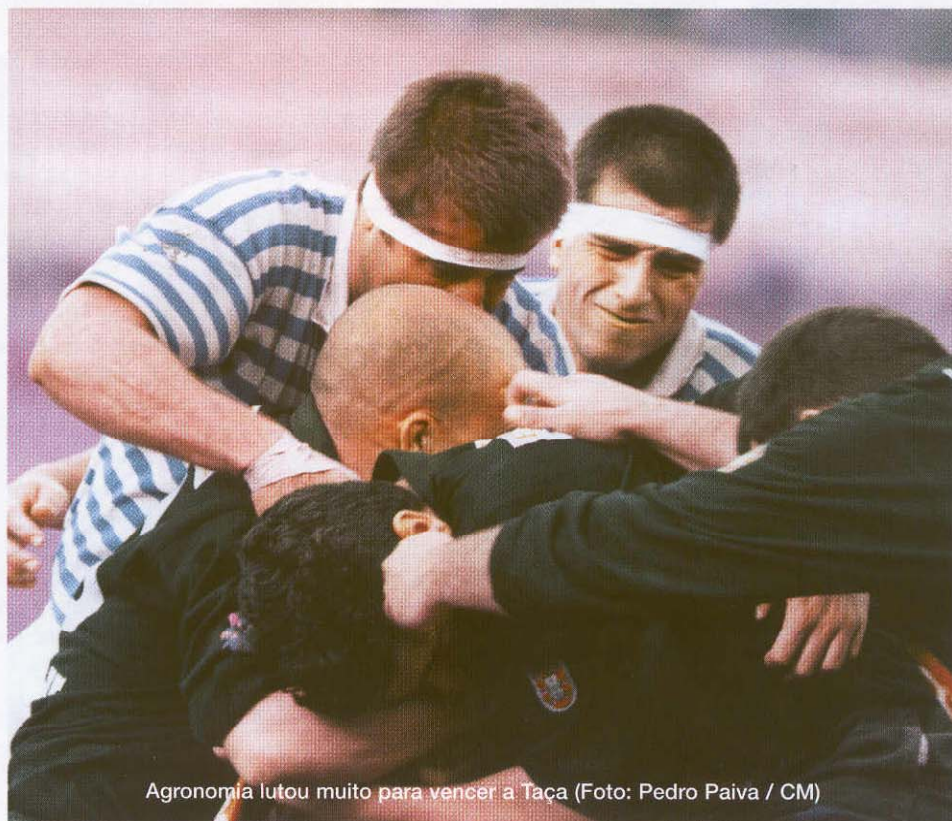
realizar uma boa prestação, e com um ritmo de jogo ao qual não foi certamente alheia a digressão de duas semanas realizada à África do Sul, concluída apenas seis dias antes do encontro. A formação treinada por Luís Claro mostrou estar em grande momento de forma, ao contrário do que se verificou com a Académica. Os "estudantes" pagaram caro a falta de treinos e competição das últimas semanas, apresentando uma maioria de

jogadores em condições precárias, e se na primeira parte ainda foram conseguindo disfarçar as suas actuais limitações, já nos segundos 40 minutos a exibição produzida foi por demais deficiente.

E o jogo até nem começou mal para a equipa de Coimbra, pois após um longo *drop* de João Bento (3-0 aos 9 minutos), e tirando partido da grande ansiedade e nervoso inicial dos seus jovens e mais inexperientes adversários, a Académica

chegou à meia-hora de jogo a vencer por 15-0. Primeiro, com um ensaio do formação João Luís na sequência de uma *mêlée* a cinco metros bem empurrada (25 minutos), e logo de seguida com mais um ensaio do "Expresso de Coimbra", o ponta Ricardo Nunes, que após uma boa intercepção sprintou 70 metros até cair na área de ensaio.

Agronomia não se conseguia soltar das teias dos seus medos, e não aproveitava a mais-valia que constituem os seus dois pontas, Filipe Sal-



Agronomia lutou muito para vencer a Taça (Foto: Pedro Paiva / CM)



A pressão constante foi uma das armas dos "agrónomos" (Foto: Pedro Paiva / CM)

danha e Luís Lamas. Até que na derradeira jogada do primeiro tempo surgiu aquele que se pode considerar o momento-chave da partida, quando este último se soltou para obter o primeiro ensaio da sua equipa, permitindo que a diferença ao intervalo se situasse em apenas oito pontos (15-7 para os de Coimbra).

A segunda parte não teve história, tal foi o domínio do "quinze" da Tapada, que entrando a todo o "gás", em apenas oito minutos e com dois pontapés de penalidade de Andrew Lawson, reduziu para 15-13. O seu pack avançado acentuava o domínio em todas as fases do jogo - notáveis Pedro Vieira e Ricardo Escarduça nos alinhamentos - imprimindo uma superior dinâmica, e servindo as suas linhas atrasados com bolas de boa qualidade.

E quando aos 17 minutos, uma combinação neo-zelandesa entre o centro Timothy King - o melhor jogador em campo e um verdadeiro "leão" à solta no Jamor - e o abertura Andrew Lawson, proporcionou a este um belo ensaio a meio dos postes, o resultado virava, e percebia-se que a Taça já só podia ter um vencedor, e seria Luís Sequeira a erguê-la no final do encontro. Para finalizar, Luís Amado e Souto Barreiros - ambos entrados por opção táctica no segundo tempo, e que juntamente com Bráulio ajudaram a destroçar a avançada coimbrã - obtiveram mais dois ensaios perante uma Académica vencida e demasiado convencida.

Uma referência final à arbitragem de Manuel Luís Benard Guedes, que conduziu a partida de forma excelente, servindo a preceito a festa do rugby nacional. ●

1 Maio 1998

ESTÁDIO NACIONAL

Árbitro: Benard Guedes

Agronomia - Gonçalo Figueiredo; Luís Lamas (5), Ricardo Sequeira, cap., Timothy King e Filipe Saldanha; Andrew Lawson (5,3,3,3,2,2) e Bernardo Peters; António Cláudio, Fernando Costa (Luís Amado, 5) e Pedro Cabral; Pedro Vieira e Ricardo Escarduça; Luís Queirós (Souto Barreiros,5), Gil Zdanowski e João Pedro (Bráulio).

Académica - Murray Cox (2); Ricardo Nunes (5), Gonçalo Neto, Rodrigo Monteiro e Nuno Sequeira (João Allen); João Bento (3) e João Luís (5), cap.; Eduardo Correia, Ricardo Vieira (Cláudio Lima), Joaquim Duarte; Miguel Silva (Hélder Vieira) e Nuno Luís; Ricardo Benedito, Luís Sequeira e Fernando Cardoso.

Ao intervalo: 7-15

Resultado Final: 33-15

OS VENCEDORES

- 1959 — Belenenses
- 1960 — Não se realizou
- 1961 — Benfica
- 1962 — Não se realizou
- 1963 — Não se realizou
- 1964 — Belenenses
- 1965 — Benfica
- 1966 — Benfica
- 1967 — Não se realizou
- 1968 — CDUL
- 1969 — Técnico
- 1970 — Benfica
- 1971 — Técnico
- 1972 — Benfica
- 1973 — Técnico
- 1974 — Académica
- 1975 — Benfica
- 1976 — Direito
- 1977 — CDUL
- 1978 — Agronomia
- 1979 — CDUL
- 1980 — Académica
- 1981 — Direito
- 1982 — Direito
- 1983 — Benfica
- 1984 — Benfica
- 1985 — Benfica
- 1986 — CDUL
- 1987 — Cascais
- 1988 — CDUL
- 1989 — CDUL
- 1990 — Académica
- 1991 — Cascais
- 1992 — Cascais
- 1993 — Cascais
- 1994 — Técnico
- 1995 — Académica
- 1996 — Académica
- 1997 — Académica
- 1998 — Agronomia

TAÇA DE PORTUGAL

Meias Finais

Académica, 28 - Técnico, 16
Agronomia, 30 - Direito, 10

Campeonato

TÍTULO NACIONAL DISCUTIDO ATÉ AO ÚLTIMO SEGUNDO

Técnico campeão

OS "ENGENHEIROS" VENCERAM BEM O CAMPEONATO, FRUTO DA REGULARIDADE PATENTEADA E DA IMPREVISÍVEL "QUEDA LIVRE" DA ACADÉMICA, NUMA PROVA EM QUE DIREITO FOI A GRANDE SENSACÃO, AO CLASSIFICAR-SE EM 2º LUGAR. ENQUANTO AGRONOMIA DENOTOU EVOLUÇÃO, CASCAIS E BELENENSES CONSTITUÍRAM AS GRANDES DESILUSÕES. NO GRUPO DA DESPROMOÇÃO, COM EMOÇÃO ATÉ FINAL, A LOUSÃ GARANTIU O 7º LUGAR, TENDO O RC COIMBRA DESCIDO À II DIVISÃO.

Onovo modelo de disputa do Campeonato Nacional da I Divisão, por muitos atacado, devido ao alargamento efectivo de oito para doze clubes, constituiu, ao contrário do que se poderia prever, um exemplo de grande competitividade, emoção e incerteza até final, com o aumento do ritmo de jogo e de qualidade em muitas partidas.

Outra grata constatação foi a presença de muito público em diversos jogos, tendo o decisivo Direito - Técnico constituído um belo exemplo da moldura humana que poderá e deverá rodear os nossos encontros. Outro facto de grande relevância é o de que os clubes classificados nos três primeiros lugares, possuem condições privilegiadas de treino, com campo de jogos próprio - ou de uso exclusivo como a Académica -, não sendo também alheio a este facto a progressão continuada do "quinze" de Agronomia.

Ao invés, as más classificações do Cascais, Belenenses e Benfica indiciam que a ausência de boas condições de trabalho podem levar à estagnação do desenvolvimento do jogo por si produzido. O Técnico venceu bem a prova, aproveitando da melhor forma a quebra da Académica, tendo o conhecimento do jogo por parte de todos os jogadores, aliado a um enorme rigor tático, constituído a chave do sucesso.

Se a Académica se pode queixar da onda

de lesões que assolou o seu plantel na fase decisiva da prova, também não é menos verdade que os "engenheiros" não tiveram o contributo de peças influentes, como Alfredo Simões ou Luís Pires, o que limitou a manobra das suas linhas atrasadas.

O campeão apresentou uma avançada muito sólida, com dois internacionais na 1ª linha, um saltador praticamente imbatível (Andrew Cox), e uma terceira linha de grande mobilidade, onde se

destacaram Rui Chança e Chris Luke.

O par de médios, titulares da Selecção Nacional, foram responsáveis pela maioria das tomadas de decisão, quase sempre acertadas, tendo Luís Pissarra obrigado o seu "pack" a jogar quase no limite das possibilidades, enquanto Nuno Mourão foi regularíssimo no jogo ao pé.

Nas linhas atrasadas, Rohan Hoffman foi a chave do sucesso, sendo quase todo o



Técnico e Direito lutaram arduamente pela conquista do título nacional
(Foto: Pedro Paiva / CM)

Campeonato

jogo atacante de segunda fase para si canalizado.

O triunfo dos "engenheiros" foi merecido, mas sem deslumbrar. Constituíram a melhor defesa da prova a par do segundo melhor ataque, tendo ganho três jogos por diferenças sólidas, enquanto que nas outras cinco vitórias, as diferenças nunca foram superiores a sete pontos.

O jovem "quinze" de Direito foi a grande surpresa da prova, tendo lutado pelo título até à última jornada, terminando o Campeonato com o mesmo número de pontos dos "engenheiros", sendo a segunda melhor defesa e o terceiro melhor ataque. Os "advogados" constituem uma equipa com larga margem de progressão, podendo, com o ganho de maturidade, transformar algumas vitórias difíceis na presente temporada, em triunfos folgados num futuro próximo.

No encontro decisivo, o da atribuição do título nacional, perante o Técnico, Direito venceu bem, mas não conseguiu chegar ao ceptro, devido à falta de maturidade nos momentos decisivos, especialmente nos últimos vinte minutos da contenda.

No "quinze" de Monsanto apareceram vários jogadores de qualidade, casos de Martim Tomé, Manuel Melo ou Gonçalo Alpoim, a par dos consagrados Sérgio Ferreira, João Batista, Sérgio Azevedo ou Miguel Portela (este lesionado em grande parte da época).

A Académica perdeu o Campeonato de forma inglória, depois de ter passeado a sua classe e superioridade durante toda a primeira volta, tendo cedo demais a maior parte dos analistas encomendado as faixas de campeão para os estudantes. Só que a segunda volta dos conimbricenses



Académica e Cascais fizeram um campeonato muito aquém das expectativas
(Foto: Octávio Paiva/CM)

foi pobre demais para poder revalidar o título, só conseguindo nesta fase da prova oito pontos, fruto de uma vitória, um empate e três derrotas.

A par de uma enorme série de lesões, os Campeões Ibéricos foram demasiadamente "Coxdependentes", o que lhes viria a ser fatal a partir do momento em que o seu jogador australiano se lesionou.

A Académica, é, apesar deste inesperado desaire, uma das equipas mais sólidas do rugby nacional, tendo jogadores de grande qualidade, como Ricardo Nunes (o novo "Expresso de Coimbra"), a grande revelação da temporada, Murray Cox, João Luís, João Bento ou Gonçalo Neto.

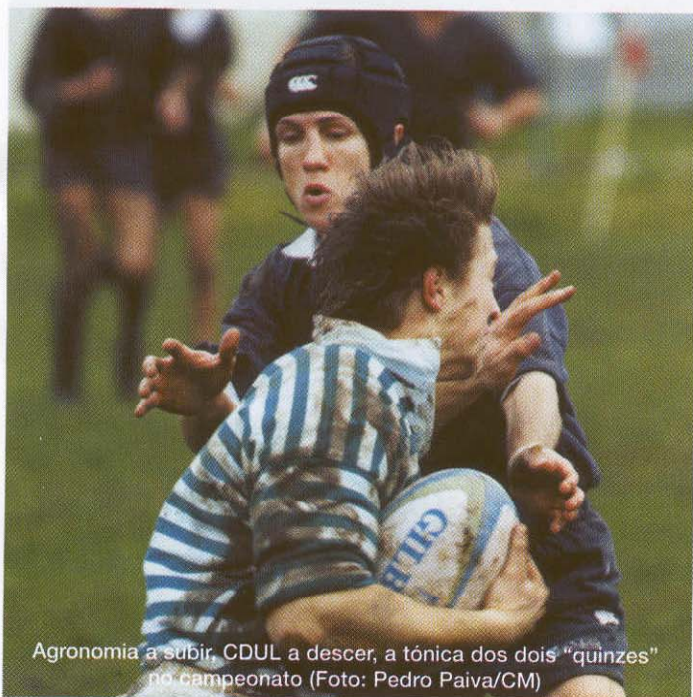
O Cascais prometeu bastante na fase de apuramento, demonstrando na fase final as suas reais insuficiências. Das seis partidas que disputou com os "quinzes" que ficaram à sua frente só venceu uma, logo a previsivelmente mais difícil, em Coimbra. Apenas quatro vitórias na fase final é muito pouco para uma equipa, que ainda em épocas próximas deteve a hegemonia do rugby nacional.

Preocupante é o facto de muitos dos seus jogadores mais influentes estarem na curva descendente das suas capacidades, começando a

surgir agora jovens como António Pinto, Frederico Sousa e Sebastião Perestrelo, de quem muito há a esperar, mas cuja

OS CAMPEÕES

1958/59	—	Belenenses
1959/60	—	Benfica
1960/61	—	Benfica
1961/62	—	Benfica
1962/63	—	Belenenses
1963/64	—	CDUL
1964/65	—	CDUL
1965/66	—	CDUL
1966/67	—	CDUL
1967/68	—	CDUL
1968/69	—	CDUL
1969/70	—	Benfica
1970/71	—	CDUL
1971/72	—	CDUL
1972/73	—	Belenenses
1973/74	—	CDUL
1974/75	—	Belenenses
1975/76	—	Benfica
1976/77	—	Académica
1977/78	—	CDUL
1978/79	—	Académica
1979/80	—	CDUL
1980/81	—	Técnico
1981/82	—	CDUL
1982/83	—	CDUL
1983/84	—	CDUL
1984/85	—	CDUL
1985/86	—	Benfica
1986/87	—	Cascais
1987/88	—	Benfica
1988/89	—	CDUL
1989/90	—	CDUL
1990/91	—	Benfica
1991/92	—	Cascais
1992/93	—	Cascais
1993/94	—	Cascais
1994/95	—	Cascais
1995/96	—	Cascais
1996/97	—	Académica
1997/98	—	Técnico



Agronomia a subir, CDUL a descer, a tônica dos dois "quinzes" no campeonato (Foto: Pedro Paiva/CM)

Campeonato

GRUPO A	Académica	Cascais	Técnico	Belenenses	Agronomia	Direito
Académica		13-20	39-17	53-17	50-5	24-40
Cascais	12-23		15-17	43-21	35-11	12-16
Técnico	48-3	17-10		71-5	11-7	16-11
Belenenses	11-70	20-42	16-19		7-28	9-24
Agronomia	15-15	34-28	3-31	23-12		9-11
Direito	18-23	22-16	14-13	24-13	33-23	

CLASSIFICAÇÃO					
1.º TÉCNICO	8 V	-	2 D	252-112	26 Pontos
2.º DIREITO	8 V	-	2 D	213-158	26 Pontos
3.º ACADÉMICA	6 V	1 E	3 D	313-203	23 Pontos
4.º CASCAIS	4 V	-	6 D	233-194	18 Pontos
5.º AGRONOMIA	3 V	1 E	6 D	158-233	17 Pontos
6.º BELENENSES	-	-	10 D	131-397	10 Pontos

actual inexperiência ainda se faz sentir. Agronomia, que se apurou dificilmente para a série do título, teve um início da fase final verdadeiramente desastroso, tendo nos dois primeiros jogos sofrido duas pesadas derrotas, marcando apenas oito pontos e sofrendo 81.

Apesar do péssimo começo, a sua quali-

dade de jogo foi melhorando, tendo feito uma boa segunda volta, com duas vitórias, duas derrotas e um empate.

No derradeiro jogo do Campeonato, perante o Cascais, conseguiu marcar 34 pontos seguidos, recuperando de uma desvantagem de 21-0.

No "quinze" da Tapada os maiores

destaques vão para os novos internacionais Tiago Costa e Pedro Vieira, para os neozelandeses Timothy King e Andrew Lawson e para os jovens pontas Filipe Saldanha e Luís Lamas.

O Belenenses foi a grande desilusão da fase final, não podendo um "quinze" que tanto prometeu, fazer uma fase final tão pobre. Somando por derrotas os 10 jogos realizados, alguns por margens muito dilatadas, foi a equipa menos realizadora e a que mais pontos sofreu.

Em toda a fase final, só num jogo deu a sensação de poder vencer, frente ao Técnico, no encontro da primeira volta.

Os dirigentes azuis terão que analisar e equacionar rapidamente o futuro da sua equipa principal, já que o passado recente e os resultados obtidos não indiciavam uma quebra tão significativa.

Os azuis são um conjunto com graves lacunas no bloco avançado, salvando a "honra do convento" jogadores como Pedro Neto, João Diogo Marques ou Nuno Melo.

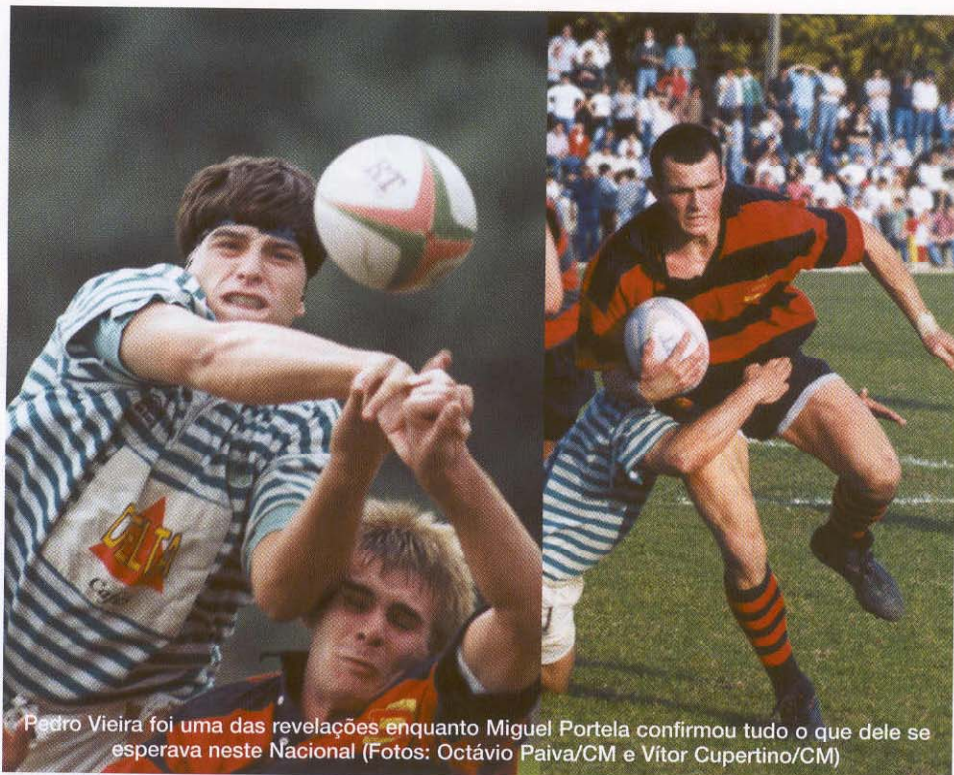
No grupo da descida de divisão, Lousã, Benfica e CRAV, lutaram até à última jornada pela conquista do 7.º lugar, tendo os serranos atingido esse objectivo, o que lhes vai permitir entrar no sorteio do Campeonato do próximo ano numa posição mais favorável.

Estas três equipas demonstraram qualidade para poderem disputar a



Técnico - Académica, nas Olaias, a passagem do testemunho começava a ganhar forma
(Foto: Pedro Paiva/CM)

Campeonato



Pedro Vieira foi uma das revelações enquanto Miguel Portela confirmou tudo o que dele se esperava neste Nacional (Fotos: Octávio Paiva/CM e Vítor Cupertino/CM)

série do título num futuro próximo. Uma das desilusões desta série, e do próprio Campeonato, foi o CDUP, que se quedou na décima posição, pouco para uma equipa que conta nas suas fileiras com quatro internacionais, um dos quais capitão da Seleção Nacional.

O "quinze" nortenho tem qualidade e potencial para fazer mais e melhor, podendo aspirar a jogar proximoamente na série do título.

O CDUL, o clube com mais títulos conquistados no rugby nacional, conseguiu fugir à despromoção, mas foi sempre

uma caricatura da grande equipa de outros tempos, salvo na inesperada vitória na Lousã, enquanto os triunfos sobre o RCC têm que se considerar normais.

No entanto, muito terá que fazer o histórico clube de Lisboa para ultrapassar esta crise, que pode pôr em causa a sua própria sobrevivência.

O RCC, foi a única equipa que não ganhou um único jogo durante toda a prova, excepção feita ao triunfo por falta de comparência, que lhe foi averbado no jogo com o CDUP, questionando-se as vantagens do clube de

Coimbra ter passado pela I Divisão. O equilíbrio, emoção e competitividade esteve presente na maior parte da prova, registando-se que CRAV, CDUL e CDUP, "quinzes" que disputaram o Grupo B, tiveram no último encontro de Portugal na República Checa oito elementos, entre os vinte e dois convocados.

As arbitragens deixaram muita gente descontente, mas o que é inquestionável é que só da quantidade poderá surgir a qualidade, e neste momento o reduzidíssimo número de juizes é um dos principais problemas do rugby nacional. Apesar de tudo, aqui e ali surgiram arbitragens de excelente nível, como foi o caso de Mendes Silva, no decisivo Direito-Técnico. Os juizes terão que ser motivados e acarinados, e deverá ser garantido em todos os jogos trios de arbitragem completos, o que só por si fará descer drasticamente alguns focos de violência dentro de campo. Há no entanto alguns factores que poderão e deverão ser melhorados, como o dos critérios de nomeação.

É no entanto imperioso, até porque pode desvirtuar a verdade desportiva, que as decisões do Conselho de Disciplina saiam céleres e em tempo. Vários casos houve neste Campeonato, em que jogadores expulsos estiveram impedidos de jogar durante o tempo estatutariamente previsto, e dada a ausência de sentença sobre a sua falta voltaram a jogar, tendo sido castigados posteriormente.

Tudo tem que ser feito para que situações destas não voltem a acontecer, já que dez dias são mais do que suficientes para punir, ou não, um atleta expulso.

É que a suspeição evita-se tomando em tempo as medidas necessárias com acordões concisos, precisos e coerentes. ●

GRUPO A	Lousã	Benfica	CRAV	CDUP	CDUL	RCC
Lousã		29-27	22-9	22-20	13-23	29-3
Benfica	14-13		8-5	18-18	130-11	32-0
CRAV	15-17	24-22		26-9	19-6	36-7
CDUP	5-15	17-27	7-11		87-12	35-5
CDUL	5-39	6-55	16-25	27-44		90-8
RCC	5-37	15-97	0-42	V-FC	3-50	

CLASSIFICAÇÃO

7.º LOUSÃ	8 V	-	2 D	-	236-126	26 Pontos
8.º BENFICA	7 V	1 E	2 D	-	370-197	25 Pontos
9.º CRAV	7 V	-	3 D	-	212-114	24 Pontos
10.º CDUP	3 V	1 E	5 D	1 FC	222-163	16 Pontos
11.º CDUL	3 V	-	7 D	-	246-423	16 Pontos
12.º RCC	1 V	-	9 D	-	46-448	12 Pontos



A Lousã venceu bem o grupo B (Foto: Carlos Carvalho/CM)

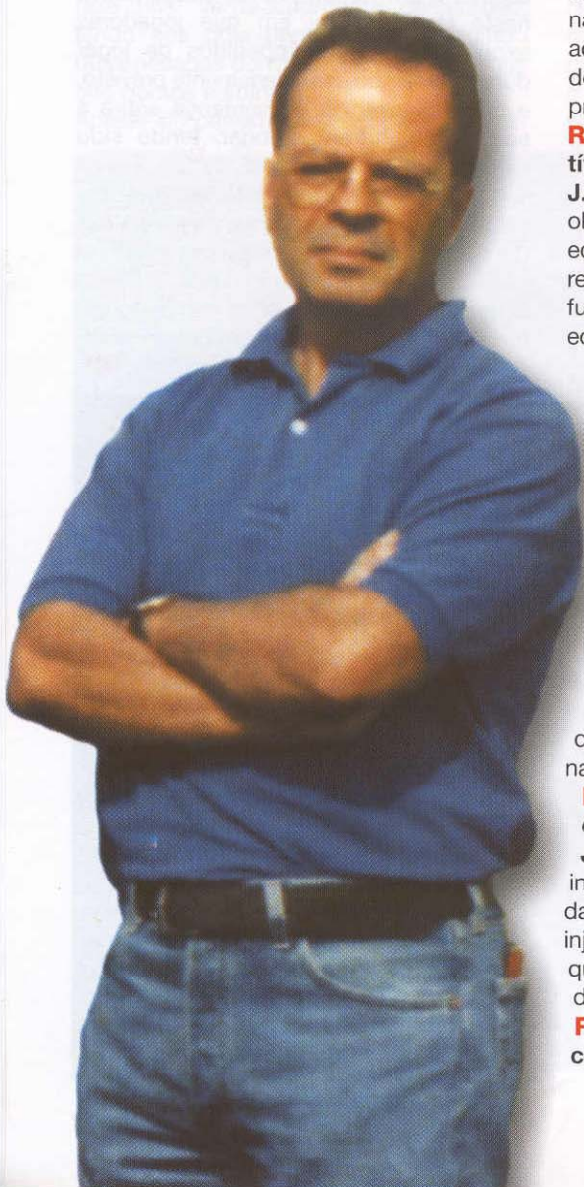
TEMPO DE BALANÇO NAS OLAIAS

Consistência, a “chave” do título

RM FOI OUVIR O TREINADOR E O DIRECTOR DE RUGBY DO NOVO CAMPEÃO NACIONAL. DA JUSTIÇA DO TRIUNFO ATÉ AS NOVIDADES PARA A PRÓXIMA ÉPOCA, UMA CERTEZA FICOU: VÃO TER QUE CONTAR COM O TÉCNICO!

R.M. - A que soube este título, 17 anos depois do único Campeonato conquistado pelo Técnico?

J.P. - É a consagração pública de um trabalho. Há 17 anos houve um conjunto de circunstâncias que dificilmente se repetirão



e proporcionaram uma vitória com pontuações recordes. Esta época não. A conjuntura agora foi desfavorável. Então a equipa foi muito estável, enquanto este ano houve demasiadas alterações devido a lesões, entre as quais a do melhor marcador de ensaios da equipa, o Alfredo Simões, ainda na primeira fase. É uma honra estar associado a este título, e é uma sequência lógica de uma dedicação ao clube e de uma certa programação de trabalho.

R.M. - Em que princípios acentou o título conquistado?

J.P. - 1.º - Estabelecemos o título como objectivo, difícil, mas realizável; 2.º - A equipa organizou-se de uma forma coerente para isso. Foi necessário melhorar fundamentalmente a consistência da equipa, que passa pela consistência do plano de jogo. Soubemos gerir os recursos disponíveis, e mesmo sendo chamados de teimosos, ganhámos a aposta de seguir um certo plano de jogo, que em nosso entender, era o que permitia ganhar uma época. Corremos riscos em alguns jogos, mas o plano acabou por se justificar, especialmente a partir do momento em que os jogadores acreditaram que esse plano ia dar resultados. A perseverança é também coisa nova no Técnico, e juntamente com a regularidade e a consistência, foram determinantes, o que não era habitual no clube.

R.M. - Teria sido justo Direito sagrar-se campeão?

J.M. - Não era cometida nenhuma injustiça. Mas depois de tantas adversidades por que passámos, para nós seria injusto. Além disso, atrevo-me a pensar que fomos mais consistentes na procura do título.

R.M. - Sem Alfredo Simões foram campeões. Sem Rohan, também seriam?

J.P. - Teríamos mais dificuldades. Mas sem diminuir o seu valioso papel, acho que há que realçar a equipa. Agora com os jogadores inexperientes com que efectuámos jogos decisivos, o Rohan foi fabuloso, estando sempre no sítio certo para limpar erros cometidos. Mas também o Nuno Mourão merece destaque. Não só pelos pontos (muitos) que marcou, mas porque, juntamente com o Rohan, fizeram uma combinação espectacular no aspecto de organização defensiva, realizando ainda um notável trabalho-sombra junto dos mais novos, do qual muitas vezes só eu, como treinador, me apercebia.

R.M. - E qual foi a influência dos três estrangeiros da equipa?

J.M. - A sua presença teve um efeito muito positivo. A escolha foi cuidadosa e criteriosa, o que permitiu que, além da sua evidente qualidade e utilidade, deixassem uma cultura, uma certa maneira de estar. A partir de agora o padrão de escolha tem que ser este, especialmente numa situação de recursos limitados e em competição com clubes de toda a Europa. Presentemente só apostar numa *estrela* não serve, tem que permanecer algo após a sua partida.

R.M. - Como vai ser a próxima época?

J.M. - Já o disse no final do jogo decisivo: estamos no topo e vamos lá manter-nos. O que não quer dizer necessariamente que vamos ser campeões. Quer dizer que quem quiser ser campeão, vai ter que contar connosco. Nós não vamos baixar os níveis agora atingidos. As outras equipas sabem que vão ter que subir. Há que ter objectivos competitivos pontuais que estabeleçam metas e permitam aferir se estamos no bom caminho, e por exemplo, a Taça Ibérica integra-se nisso, e é, claramente, um objectivo realista a sua conquista pela primeira vez pelo Técnico. ●

Destaques

O GÉNIO



ROHAN HOFFMAN

Segurança e classe nas linhas atrasadas. Placagens decisivas. E aquele "pequeno pormenor" dos ensaios marcados a Direito. Só?

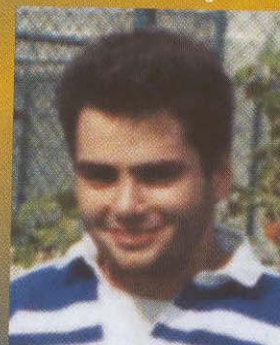
A REGULARIDADE



NUNO MOURÃO

Único totalista dos campeões. E a "bagatela" de 496 pontos marcados em jogos oficiais pelo clube nas últimas duas épocas. Chega?

A REVELAÇÃO



PAULO MARQUES

Em três épocas passou de jogador do campeonato universitário a titular da selecção nacional no difícil posto de pilar. Que tal?

História

O Técnico foi fundado em Maio de 1963 por um quarteto de jogadores de rugby formado por Alfredo Santos, José Metello, José Luís Steiger e Pedro Ribeiro, inspirados nos exemplos das secções de Voleibol, Basquetebol e Andebol do Instituto Superior Técnico (IST).

O Técnico é um dos clubes mais representativos do rãguebi nacional, sendo um dos seis clubes portugueses que já venceu o Campeonato Nacional.

O primeiro jogo oficial do Técnico remonta a 15 de Dezembro de 1963 no campo principal do Estádio Nacional, a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão, tendo como adversário o Grupo Desportivo Guerin, a quem os "engenheiros" bateram por 30-0.

Nesse mesmo ano venceram o primeiro Campeonato Nacional de Juniores, e dessa equipa faziam parte Raul Martins e José Bento dos

Santos, actuais presidentes da FPR e do Técnico.

No ano seguinte o clube venceu o primeiro título nacional, o Campeonato da II Divisão.

Só em 70-71 jogou na equipa do Técnico um aluno não estudante do IST, António Duque.

Em 71-72 surgem as primeiras equipas dos escalões de formação, o suporte da construção do clube sólido que hoje é o Técnico. Nestes trinta e cinco anos de história, o clube deu mais de cinquenta jogadores às Selecções Nacionais.

Outro marco fundamental na história do nóvel campeão nacional é a inauguração do seu campo de jogos, nas Olaias, em Maio de 93, utilizado só durante dois anos, já que em Maio de 95, foi destruído devido às obras de alargamento do Metropolitano, tendo sido reinaugurado em Janeiro deste ano.

Marcos

1963-64 - 1ª época. Campeão Nacional de Juniores

1964-65 - Campeão Nacional da II Divisão

1966 - 1ª Digressão a França

1967-68 - Vencedor da Taça de Portugal

1968-69 - Vencedor da Taça de Portugal

1971 - Digressão a Espanha

1972-73 - Vencedor da Taça de Portugal

1974 - 2ª Digressão a França

1979 - 1ª Digressão a Inglaterra

1979-80 - Campeão Nacional da II Divisão

1980-81 - Campeão Nacional da I Divisão

1981 - 2ª Digressão a Inglaterra

1983 - 1ª Digressão a Inglaterra da Equipa Júnior

1985-86 - Campeão Nacional da II Divisão

1986 - 3ª Digressão à Escócia e Inglaterra

1987-88 - Campeão Nacional de Juvenis

1989 - 2ª Digressão Júnior a Inglaterra

1989-90 - Vencedor da Taça de Portugal de Juniores

1990-91 - Vencedor da Taça de Portugal de Juniores

1991-92 - Vencedor da Taça de Portugal de Juniores

1991 - 3ª Digressão a França Benidorm Sevens

1992 - 1ª Digressão à Irlanda

1993 - Inauguração do Campo de Jogos, nas Olaias

1993-94 - Vencedor da Taça de Portugal

1998 - Reinauguração do Campo de Jogos, nas Olaias

1997-98 - Campeão Nacional da I Divisão

Sucesso

O sucesso do Técnico deve-se fundamentalmente aos ventos de mudança que varreram o rugby nos últimos anos, com a introdução do profissionalismo, e ao desaforo económico do clube, devido à indemnização paga pelo Metro entre 1995 e 98, montante esse sempre mantido no *segredo dos deuses* (ou no subsolo...).

Estas duas vertentes permitiram aos "engenheiros" construir uma equipa sólida, forte e coesa, recrutando jogadores quer a nível interno, quer no estrangeiro.

Da equipa que iniciou a partida da consagração em Monsanto, na última jornada do Nacional, oito jogadores não iniciaram as suas carreiras no Técnico. Mérito do clube que, fruto de uma boa organização se adaptou aos novos tempos, recrutando jogadores de acordo com as suas necessidades.

A única brecha que se pode encontrar no actual Técnico, com campo e sede próprias e uma equipa campeã nacional, situa-se a nível dos escalões de formação, em que a qualidade apresentada está longe de ser a desejável.



R.M. - Após dois anos como Director de Rugby do Técnico, qual considera ser a sua quota-parte de responsabilidade no título agora conquistado?

N.D. - Acho que é grande, pois sou o responsável por toda a organização do clube a nível competitivo. E talvez também por impor hábitos de disciplina que até aqui não existiam. Além disso ficou desde o início bem claro no Técnico quem mandava, e que as coisas eram feitas de acordo com o que eu pensava. E isso contribuiu para todos aqui terem uma ideia bem clara: o rugby está diferente do que era há 5/6 anos atrás, é para ser levado a sério, e eu não estou para perder tempo com quem não leva as coisas a sério.

R.M. - Quais as suas funções?

N.D. - Um dos problemas do rugby português é o excesso de protagonismo dos treinadores. Aqui houve uma divisão nítida das funções. As minhas passam pela escolha dos jogadores, definição do modelo de jogo, decidindo ainda com o treinador quem joga ou não. É mais uma cabeça a pensar, com a vantagem de estar afastado da pressão diária, dos jogos e treinos. O que dá mais distanciamento para reflectir. E para o treinador é muito agradável ter com quem dividir responsabilidades.

“É um erro criar constantes guerras com os clubes”

R.M. - Sabe-se que os escalões mais jovens do Técnico são um dos aspectos mais fracos do clube. Isso vai mudar?

N.D. - Só sou responsável pelo rugby senior. Mas é um facto que a grande falha do clube tem sido o acompanhamento menos bom dado aos escalões mais jovens. Mas pensamos já na próxima época corrigir isso. Criámos dois directores com funções idênticas às minhas para a Área de Pré-competição e de Formação, e assim julgo que ultrapassaremos essa falha que nos vem preocupando.

R.M. - Direito esteve perto de ser campeão. Seria justo?

N.D. - Achava completamente injusto. Poderia ter acontecido, mas apesar de agora ser moda criticar o Técnico, acho que fomos obviamente a equipa mais regular, e que não fez propaganda dos problemas que teve, nomeadamente a maior colecção de lesões a que assisti nos meus 12 anos de rugby. A perda deste título teria sido uma frustração total, e se tivesse surgido, provavelmente ter-me-ia afastado do rugby.

R.M. - Gostava de destacar alguém neste título?

N.D. - Julgo ser da mais elementar justiça destacar o Nuno Mourão. É um jogador notável e disciplinado. De elemento sem valor — como muitos apregoavam — já atingiu quase as 30 selecções. E a sua regularidade é impressionante: nunca foi substituído nas épocas em que com ele trabalhei em Agronomia ou no Técnico.

R.M. - O novo figurino do Campeonato provou?

N.D. - Foi de longe o mais disputado de que me lembro. O modelo tem certamente alguns defeitos, mas não será para alterar desde já. Cabe à FPR estudar alternativas. Agora se estas passam pela redução, para satisfazer exclusivamente os desejos megalómanos do seleccionador nacional, o Técnico vai opor-se constantemente. Defendo uma selecção forte, mas não compreendo que se sacrifiquem todos os princípios a ela. Existem clubes sem selecção, mas não é possível existir selecção sem clubes. É um erro andar a criar constantes guerras com estes, que têm servido para desculpabilizar os resultados da selecção, que — é preciso dizê-lo — não têm sido famosos: continuamos a ganhar aos mesmos e a perder com os mesmos.

R.M. - Como vai ser a próxima época? Vai haver novidades?

N.D. - Parece que é moda todos os dias indicar jogadores que vêm para o Técnico. Ora neste momento posso afirmar não estar garantida a vinda de qualquer jogador português. Estamos sim, a tentar garantir o regresso do sul-africano Allistair Collins (já jogou no clube 2/3 épocas), que virá com funções de jogador-treinador. Esta é a grande novidade. O Chris Luke irá ser também responsável pelos avançados. Quanto ao José Paixão, manter-se-á em colaboração comigo na preparação dos treinos, alargando as suas funções organizativas, e nos jogos terá responsabilidade total, pois os dois responsáveis estarão a jogar.

R.M. - O Técnico pode garantir a hegemonia do rugby português nos próximos anos?

N.D. - Estou convencido que temos condições para dominar em Portugal nos próximos anos. Pelo trabalho muito sério que estamos a desenvolver nos seniores. Mas não só, ainda há 15 dias assisti a um treino nas Olaias com 100 miúdos. Ou seja, se nos conseguirmos organizar, vai ser difícil parar o Técnico por uma série de anos.

R.M. - Considera-se uma pessoa polémica e contestada? Vai continuar a sê-lo?

N.D. - Sou considerado polémico, porque digo rigorosamente aquilo em que acredito, não digo nada sem pensar e não minto no rugby. Enquanto incomodar certas pessoas que haja alguém que diga as verdades, defenda os jogadores e intransigentemente o clube que na altura serve, e isso for considerado polémico, vou continuar a sê-lo. Com o meu beneplácito não vão fazer aldrabices, nem mascarar maus resultados. Se isso é ser polémico, vou continuar, podem ter a certeza!

Curiosidades

- José Metelo, fundador do Clube em 1963, é pai de Rui Metelo, Campeão em 1997-98;
- Carlos Duarte Ferreira e Adriano Cunha cometeram a proeza de serem Campeões Nacionais em 1980-81 e 1997-98;
- António Frazão, Campeão em 1980-81 é pai de Nuno Frazão, Campeão em 1997-98;
- O actual treinador, José Paixão, foi Campeão Nacional, como jogador em 1980-81.

MOTOR DO DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO

Apoio para ir mais longe

LOUSÃ FOI ESCOLHIDA PARA CENÁRIO DO DECISIVO ENCONTRO COM ANDORRA, DE QUALIFICAÇÃO PARA A FASE SEGUINTE DO MUNDIAL. RM OUVIU O PRESIDENTE DO MUNICÍPIO, QUE RECONHECE A IMPORTÂNCIA QUE O DESPORTO TEM PARA O CONCELHO.

RM - A Lousã é reconhecida como um concelho onde o desporto, e não só o rugby, é levado muito a sério. Pode resumir-nos que infraestruturas possuem? Que actividades principais desenvolvem?

HA - O concelho da Lousã é territorialmente pequeno com os seus 139 Km² divididos por cinco freguesias. A sua população, cerca de 15.000 habitantes, circunscreve-se à Lousã e zona envolvente, Casal dos Rios até às Fontainhas e Ribeira, onde habita cerca de 70%.

Procurámos construir infraestruturas desportivas que dessem resposta às necessidades lúdicas, desportivas e de lazer dos habitantes. Construímos três Pavilhões Gimnodesportivos, hoje em-

preitámos já o quarto Pavilhão, dois estádios reconvertidos para Futebol e Rugby, quatro Campos de Futebol, Polidesportivos descobertos, e uma Piscina coberta aquecida frequentada pelos 2449 alunos das escolas do concelho. Existe uma outra piscina natural junto ao Castelo.

RM - Qual o papel da autarquia para o desenvolvimento desportivo?

HA - A autarquia procura ser o motor do desenvolvimento económico-social e também desportivo como não poderia deixar de ser. É a autarquia que faz o levantamento das necessidades e carências, faz os projectos e apresenta as candidaturas para obter pontualmente algum apoio, pouco diga-se em abono da verdade.

De tudo quanto fizemos, muito pouco foi subsidiado. Os custos foram sempre quase exclusivamente suportados pela autarquia, e ultimamente contámos com o apoio de Fundos Comunitários no mais recente Pavilhão e na Piscina Municipal.

RM - Que outros objectivos desportivos tem, e que ainda não tenham sido atingidos na Lousã? Querem ir até onde e como o poderão atingir? Que apoios necessitam?

HA - Queremos ainda ir mais longe no fomento do desporto e da competição. Precisamos de construir um novo complexo desportivo com Campo Relvado, Estádio com pista de atletismo, Pavilhão Gimnodesportivo, Piscina, Campos de Ténis e uma grande área de estacionamento.

Necessitamos do apoio das Associações locais e regionais, das Federações e do



Governo. Trata-se de uma grande infraestrutura desportiva, e como tal serão necessários avultados montantes para a sua realização.

RM - Qual é a importância para si, e para a Lousã, da realização do decisivo confronto Portugal-Andorra no campo de Santa Rita? O que vai constar no programa de actividades para esse dia?

HA - A Lousã é uma terra e um concelho que há muito se afirmaram no Rugby graças ao Clube criado para a prática dessa modalidade. Foi de facto uma aposta ganha, e a sua permanência na I Divisão, onde obteve já classificações invejáveis, é bem demonstrativo.

O facto de termos entre nós um jogo internacional é relevante e de algum modo representa também o reconhecimento que a Federação faz em relação ao trabalho do clube e da Autarquia.

O programa é vasto e bem organizado, movimentando cerca de um milhar de jovens que animarão a Lousã durante toda a manhã do dia 30 de Maio, e envolvendo o jogo num verdadeiro ambiente de festa., que culminará, estou certo, no apuramento de Portugal. ●



APURAMENTO PARA O MUNDIAL MAIS DIFÍCIL

Missão cu(o)mpriada

COM O 2.º LUGAR NA SÉRIE DE APURAMENTO, PORTUGAL VAI DISPUTAR A FASE SEGUINTE DE QUALIFICAÇÃO: OBJECTIVO CUMPRIDO. COM O SORTEIO NEGATIVO QUE O ESPERA, A FASE DE REPESCAGEM PODERÁ SER OUTRA VIA PARA O MUNDIAL: OBJECTIVO... COMPRIDO.

A selecção nacional está a um pequeno passo de conseguir o acesso à terceira fase de apuramento para a Taça do Mundo de 1999. Ninguém acredita que Portugal não consiga vencer na Lousã — e já agora categoricamente — a selecção de Andorra, classificando-se assim no segundo lugar da série B3, logo atrás da Espanha. Claro que esta posição é bem ingrata, pois para o sorteio da fase seguinte de qualificação — a realizar em 10 de Junho em Dublin —, Portugal ficará num grupo juntamente com um cabeça-de-série (Inglaterra, Irlanda ou Escócia) e um dos segundos cabeças-de-série (Itália, Roménia ou Espanha). O que retira praticamente qualquer hipótese de apuramento directo. Ficará ainda a faltar a fase de repescagem — que qualifica duas selecções para o Mundial —, no qual os terceiros classificados das três séries europeias defrontarão selecções dos restantes quatro continentes (2.º de África, 4.º da América, 2.º da Ásia e 4.º do Pacífico).

Portugal realizou esta época seis jogos, vencendo dois — os que *importava ganhar*, frente à Alemanha em Lisboa e à República Checa em Praga —, empatou um em Casablanca com Marrocos, e perdeu os restantes três — os particulares em Lisboa frente à Namíbia e Estados Unidos, e o decisivo confronto em Elche com a Espanha.

Além destes, a selecção nacional realizou digressões a França (Dezembro) e ao País de Gales (Março), as quais serviram a João Paulo Bessa para testar em jogos com outro nível alguns dos “bébes do infantário da selecção”, além de proporcionar a todos os jogadores contactos com um rugby bem mais evoluído, do que o praticado “intra-muros”.



Nuno Mourão chuta a bola sobre a defesa adversária para o primeiro ensaio contra Espanha (Foto: Francisco Martins)

Frente à Namíbia, selecção que já se encontra na derradeira fase de apuramento da zona africana, o “quinze” português realizou uma exibição personalizada, não temendo a maior valia da formação africana, e perdeu por 36-19. O jogo foi marcado pela despedida do capitão da selecção José Carlos Pires, um dos grandes avançados do rugby português da última década, um *senhor jogador* dentro e fora dos relvados, e que ao longo da sua

carreira sempre se mostrou disponível e sacrificou pela *camisola das quinas*.

No primeiro jogo oficial da época frente à Alemanha, e após uma primeira parte mal jogada frente a germânicos poderosos, mas com claras insuficiências técnicas — J. P. Bessa foi obrigado a dar forte raspanete no balneário aos seus jogadores durante o intervalo (6-6) — o “quinze” nacional viria a realizar um excelente segundo tempo. Mais confiante e determinada, e contando com

Seleção

um Ricardo Nunes de *turbo ligado*, a seleção portuguesa marcou três ensaios (dois pelo ponta da Académica e um por Marcello D'Orey), concluindo o jogo com 30-6 frente aos vencidos e convencidos alemães, ali afastados do apuramento para o Mundial. Destaque para as exibições do novo capitão Joaquim Ferreira, Rui Chança, Salvador Amaral e Ricardo Nunes, cuja velocidade produziu estragos na defesa germânica.

Frente aos super-atletas dos Estados Unidos — que três dias mais tarde viriam a arrasar a Espanha por concludentes 49-3 —, a seleção nacional voltou a começar mal, e a derrota por 36-0 ao intervalo castigava a apatia e a pouca audácia portuguesa. Apesar de outra atitude no segundo tempo, o resultado atingiu os 61-5 para os norte-americanos, que recorde-se têm sido uma presença constante em fases finais do Mundial, o que mais uma vez irá certamente suceder em 99. Quanto ao “quinze” português, foi seguida a nossa velha pecha: é jogo particular, valerá mesmo a pena atingir níveis de esforço máximo? Foi decidido que não valia e o resultado viu-se.

A decisão quanto ao apuramento passou para Praga, no confronto frente à República Checa. Os checos estiveram uns bons furos acima do esperado — as equipas de leste superam-se sempre a jogar em casa —, mas foram óbvias as limitações da maioria dos seus jogadores. Com a exceção dos dois 3.^a linhas de grande categoria, Vondrasek e Machacek, ambos profissionais em clubes britânicos, e que só por si



Rohan Hoffman enfrenta a defesa adversária no desaire perante os Estados Unidos
(Foto: Pedro Catarino / CM)

criaram enormes dificuldades ao “quinze” português, que não conseguiu exprimir a sua melhor técnica individual.

Apesar do claro domínio nas fases estáticas de jogo, o *pack* nacional nunca conseguiu “pegar” na partida, o que criou problemas nos ataques lançados pelas linhas atrasadas, cuja circulação de bola foi lenta e previsível, facilmente anulável pelos checos.

A perder por 10-3 a 20 minutos do final, temeu-se o pior para Portugal. Mas se há característica que marca esta seleção nacional, é a de nunca se entregar, arriscando sempre até ao fim. E esse esforço foi recompensado, quando em apenas dois minutos (25 e 27), Rohan Hoffman obteve dois ensaios de belo efeito em momentos de génio, passando o resultado para os 15-10 finais.

Uma referência ainda para a última jogada

do encontro, com Rohan e Nuno Mourão a executarem placagens sucessivas e vitais em cima da nossa linha de ensaio, garantindo a vitória e o apuramento, provando que há placagens mais decisivas que ensaios.

Num jogo impróprio para cardíacos, o destaque vai para o *cinco da frente* — tantas vezes ignorados e constituindo a base da conquista de bolas —, Francisco Rocha (substituiu bem o titular Luís Pissarra), Salvador Amaral, João Varela e Rohan Hoffman, não só pelos ensaios do “checo-mate”, mas pela classe e segurança defensiva que sempre transmitiu.

Em Casablanca, Portugal garantiu um empate (23-23) frente a Marrocos em mais um jogo de preparação, e que também serviu para os marroquinos, que disputarão ali em Setembro a terceira fase de apuramento da zona africana. Com uma tempe-

PORTUGAL, 19 NAMÍBIA, 36

23 Janeiro 98
Estádio Universitário de Lisboa

Portugal: Sérgio Ferreira (Alcino Silva), Paulo Silva (Pedro Fonseca), Joaquim Ferreira, Marcello D'Orey, Sommer Ribeiro (Pedro Vieira), Tiago Costa, Rui Chança (Manuel Melo), José Carlos Pires, Luís Pissarra (Francisco Rocha), João Bento (Rui Barata), Sérgio Azevedo, Nuno Mourão (3,3,3,2), Salvador Amaral (3), Ricardo Nunes (5) e Rohan Hoffman.

Ao intervalo: 12-20

PORTUGAL, 30 ALEMANHA, 6

4 Abril 98
Estádio Universitário de Lisboa

Portugal: Paulo Marques (Sérgio Ferreira), Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, Sommer Ribeiro, Melo e Castro, Rui Chança, Marcello D'Orey (5), Luís Pissarra, Nuno Mourão (3,3,2,2,3,2), João Varela, Sérgio Azevedo, Salvador Amaral, Ricardo Nunes (5,5) (Rui Barata) e Rohan Hoffman.

Ao intervalo: 6-6

PORTUGAL, 5 ESTADOS UNIDOS, 61

8 Abril 98
Estádio Universitário de Lisboa

Portugal: Paulo Marques, Paulo Silva (Alpoim), Joaquim Ferreira (João Baptista), Sommer Ribeiro, Pedro Rogério, Rui Chança (Manuel Melo), Eduardo Correia, Marcello D'Orey (Miguel Portela), Francisco Rocha (5), Nuno Mourão, João Varela, Sérgio Azevedo, Salvador Amaral (Gonçalo Neto), Ricardo Nunes (Abel Pinto) e Rohan Hoffman.

Ao intervalo: 0-36

Seleção

ratura bastante elevada e num relvado em mau estado, o "quinze" português realizou uma exibição agradável, mas foi espoliado do triunfo pelo árbitro francês — é curioso como a imparcialidade dos juízes parece ser por vezes afectada pelas estâncias balnearias marroquinas...

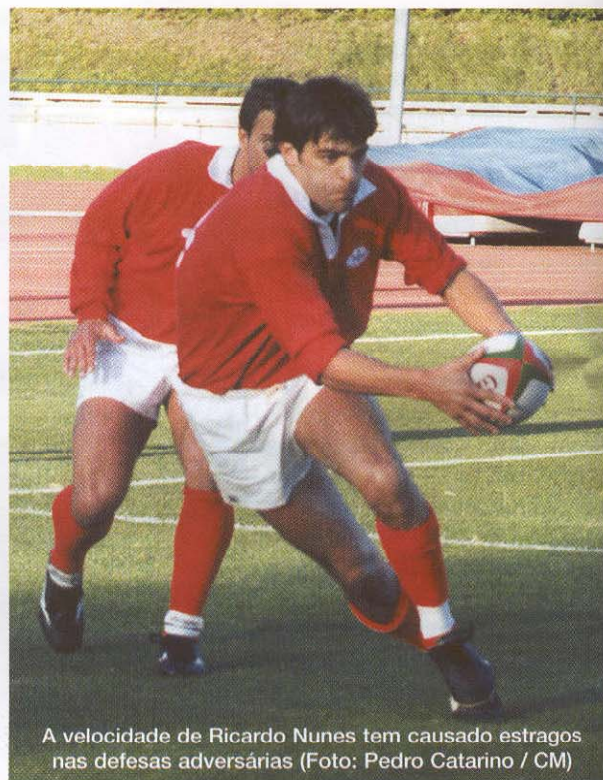
A perder por 18-10 ao intervalo, com um ensaio de Gonçalo Malheiro na sua estreia, Portugal dominou a segunda parte, passou para a frente (23-18) graças a um ensaio de Miguel Portela e a pontapés de Nuno Mourão, mais uma vez insuperável no jogo ao pé. Mas a partir daí o juiz francês tornou-se a grande figura do encontro, tudo fazendo para que a selecção da casa não perdesse a partida, o que viria a conseguir.

O futuro próximo do rugby português jogava-se em Elche, colocando frente a frente as duas selecções ibéricas, únicas invictas na série B3. E o "quinze" português iniciou o jogo muito confiante e personalizado, ao contrário do que vinha sendo hábito, e pregou um valente susto aos 16.000 espanhóis presentes, pois ao intervalo vencia por 17-12. Era uma vantagem inteiramente justa e conseguida à base de fibra, determinação e classe. Dois ensaios premiaram a exibição portuguesa, com Nuno Mourão a conseguir o primeiro, num alarde de excelente técnica individual — infiltração seguida de pontapé sobre o defesa, continuando à mão para

um ensaio de grande espectáculo —, e Marcello D'Orey a obter o segundo na sequência de uma *touche* de 12, uma das jogadas treinadas e realizadas com maior sucesso pelo "quinze" nacional.

Quanto aos espanhóis, limitaram-se a utilizar a sua poderosa avançada, com formações espontâneas altas, que iam desgastando o bloco português, o que viria a dar os seus frutos no segundo tempo. O abertura de origem ucraniana Kovalenko (23 pontos marcados) encontrava-se em dia sim, e castigava todas as faltas nacionais, o que viria a originar a vitória espanhola, já que em termos de ensaios, Portugal venceu por 3 a 2. O último dos quais, provando que esta selecção joga sempre até ao fim, foi obtido por Miguel Portela, na sequência de um ressalto, a um pontapé por si muito bem carregado.

A lição do encontro de Elche é simples de enunciar: enquanto as equipas tiveram forças iguais, os portugueses com uma selecção com grande margem de pro-



A velocidade de Ricardo Nunes tem causado estragos nas defesas adversárias (Foto: Pedro Catarino / CM)

gressão, superiorizaram-se e jogaram mais e melhor rugby; depois, viria ao de cima o superior ritmo de jogo, poder físico e de choque da formação espanhola, e que define a diferença real existente entre o rugby dos dois países. Mas, mais uma vez, estivemos perto de acabar com os 31 anos sem vitórias frente a "nuestros hermanos".

E agora, o que resta a esta jovem selecção em termos competitivos? Aguardar pelo sorteio de 10 de Junho, deslocar-se em final de Novembro às ilhas britânicas onde irá certamente aprender... e sofrer. E depois ficar a sonhar com a fase de repescagem, que se disputará lá para Março do próximo ano. Missão cumprida? Missão cumprida, diremos nós. ●

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	P. Marc.	P. Sofrid.	P
Espanha	4	4	-	-	158	42	12
Alemanha	4	2	-	2	102	82	8
Portugal	3	2	-	1	67	49	7
R. Checa	4	1	-	3	80	105	6
Andorra	3	-	-	3	34	163	3

REP. CHECA, 10
PORTUGAL, 15

MARROCOS, 23
PORTUGAL, 23

ESPAÑHA, 33
PORTUGAL, 22

18 Abril 98
Praga

Portugal: Paulo Marques, Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, Sommer Ribeiro, Rui Chança (Melo e Castro), Miguel Portela, Marcello D'Orey, Francisco Rocha, Nuno Mourão (3,2), João Varela, Sérgio Azevedo, Salvador Amaral, Ricardo Nunes e Rohan Hoffman (5,5).

Ao intervalo: 5-3

25 Abril 98
Casablanca

Portugal: Paulo Marques, Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, Sommer Ribeiro, Eduardo Correia, Miguel Portela (5), Marcello D'Orey, Francisco Rocha, Nuno Mourão (2, 3, 3, 3, 2), João Varela, Sérgio Azevedo (Gonçalo Neto), Salvador Amaral, Abel Pinto (Filipe Saldanha) e Gonçalo Malheiro (5).

Ao intervalo: 18-10

10 Maio 98
Elche

Portugal: Paulo Marques (Jorge Carvalho), Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Sommer Ribeiro, Pedro Vieira (Melo e Castro), Timothy King (Cláudio), Miguel Portela (5), Marcello D'Orey (5), Luís Pissarra, Nuno Mourão (5, 2, 2, 3), João Varela, Sérgio Azevedo, Salvador Amaral, Filipe Saldanha e Rohan Hoffman.

Ao intervalo: 12-17



INÁCIO MENDES SILVA

O futuro da arbitragem nacional em causa

Na última edição fizemos um apelo aos clubes e seus responsáveis para tomarem uma atitude mais participativa no recrutamento de novos árbitros.

Atendendo a que se avizinha o final de época e que durante as férias se cria um espaço para reflexões mais prolongadas, reiteramos o nosso apelo, para que de alguma forma prestem a melhor atenção face a esta situação.

Os problemas têm-se agravado devido às sucessivas desistências de alguns árbitros, provocando muitas dificuldades ao Conselho de Arbitragem para proceder ao conjunto de nomeações em cada fim-de-semana.

Aguardamos as decisões que vão ser tomadas relativas ao Plano de Formação de Árbitros que irá ter um desenvolvimento de acções durante os anos de 1998 e 1999.

Sabe-se que esta questão vai ser discutida na próxima reunião da A.N.A.R., entidade que normalmente apoia este tipo de acções. A realidade é que na próxima época os problemas e dificuldades serão muito maiores, porque o quadro de árbitros existente é aritmeticamente inferior ao número de jogos em cada jornada e nos diferentes escalões. Isto sem falarmos de

outras possíveis desistências que de acordo com as previsões vão acontecer.

Os próximos três meses serão decisivos para o futuro da arbitragem nacional. Durante a próxima reunião da A.N.A.R., o colégio de árbitros poderá tomar decisões importantes que vão mexer com este problema. Esperemos que seja no bom sentido!

Mudando de tema, apenas uma chamada de atenção sobre um assunto que toca directamente na actividade dos árbitros e que tem a ver com o funcionamento do Conselho de Disciplina.

Aos árbitros é exigido que no máximo até às 48 horas

seguintes ao jogo, seja entregue na F.P.R. o respectivo boletim de jogo, a fim de que se proceda aos registos necessários sobre o mesmo, e também no caso de haver matéria do foro disciplinar a resolver, se possa actuar de uma forma atempada.

Reconhecemos que nem todos os árbitros cumprem com os prazos estabelecidos, e que isso contraria o eventual bom funcionamento das instâncias disciplinares.

No entanto, parece-nos no mínimo desastrosa a actuação do Conselho de Disciplina no tratamento dos casos que lhe põem em cima da mesa.

Os atrasos exagerados na

tomada de decisões, a incoerência na aplicação dos castigos, e as diferenças de preocupação na resolução dos diferentes casos foram as notas dominantes durante a época de 1997/98.

Confundindo a acção do árbitro dentro do campo ao punir disciplinarmente sem as consequências que daí resultam, os jogadores e dirigentes têm culpado também os árbitros pela má gestão em termos de disciplina do nosso rugby. Esta situação tem-se passado de uma forma repetida, e nesta matéria há que ter muito cuidado, porque ordem e respeito não fazem mal a ninguém, mas... para todos! ●



Levy Quitério representou da melhor forma a arbitragem nacional, ao dirigir a partida Holanda-Polónia (49-7) a contar para a segunda fase de apuramento para o Mundial de 1999



CANTERBURY OF NEW ZEALAND

UM TORNEIO DE RECORDES

Renovar para vencer

A 17 MESES DA TAÇA DO MUNDO, A FRANÇA CONFIRMOU A SUA SUPERIORIDADE NA EUROPA, CONQUISTANDO O SEGUNDO GRAND SLAM CONSECUTIVO NO TORNEIO DAS CINCO NAÇÕES.



Jogadores franceses festejam em Wembley conquista do troféu

Qualquer equipa pode ser sempre a África do Sul de alguém, terão pensado os galeses à saída de Wembley, quando na última jornada do Torneio foram arrasados pela França por 51-0, o mais dilatado resultado verificado desde o início da disputa da prova em 1883.

Meses antes, na despedida do Parque dos Príncipes, fora a vez de serem franceses os humilhados, desta feita pelos Springboks por 52-10, o seu maior desaire em mais de 60 anos. Para bem da formação de Kevin Bowring, seria bom que os galeses sarassem tão bem (e tão depressa) as suas feridas. O que poucos acreditam, aliás.

Ao contrário, o "quinze" francês surgiu completamente renovado. Skrela e Villepreux, após a derrocada de Novembro, prepararam uma selecção mais jovem, combativa e entusiasta. Para tal, começaram por nomear um novo capitão,

o talonador do Dax, Raphael Ibanez (24 anos, apenas seis selecções até aí), encarregando-o de insuflar moral a um pack avançado com falta de peso e marcado pela ausência dos gigantes Benazzi e Merle.

Começando bem, perante um Stade de France lotado, a França venceu na ronda inaugural a Inglaterra, inflingindo-lhe a quarta derrota consecutiva nos jogos entre si. Praticando um jogo ofensivo, rápido e coeso, os galeses partiram para um torneio que dominaram facilmente — com excepção do encontro frente à Irlanda em Paris, no qual a meia hora do final perdiam por 16-6, acabando por vencer por 18-16 —, incluindo esmagadoras vitórias perante a Escócia (51-16) e o País de Gales (51-0). Aliás, o número de ensaios marcados pela França, no Torneio (18), passou a constituir novo recorde (contra os 14 de 1997). Foi a primeira vez que os franceses conquistaram dois

Grand Slams consecutivos, o que até aqui apenas a Inglaterra conseguira (1913/14, 23/24 e 91/92).

Após seis jogos consecutivos sem vencer, Clive Woodward conduziu os ingleses à sua 22.ª Triple Crown, quarta consecutiva. Com um "quinze" bastante alterado ao longo do Torneio, a Inglaterra não realizou grandes exhibições, e nem os demolidores 60-26 ao País de Gales, calaram as críticas à volta das escolhas e plano de jogo inglês. E com as relações entre clubes e Federação a degradarem-se continuamente, o futuro da "equipa da rosa" não se apresenta risonho.

Alguns jogos proporcionaram espectáculos "à la Super 12", como por exemplo nos 18 ensaios obtidos nos encontros da 2.ª jornada, o que nunca acontecera desde 1910. Mas o futuro da prova é inquietante e a sua imagem foi seriamente posta em causa, pois cada vez mais este é um "Torneio das Duas Nações e Mais Três". Pela primeira vez uma equipa atingiu os 60 pontos e obteve oito ensaios (a Inglaterra frente aos galeses). Num Torneio de recordes — 55 ensaios marcados iguala a

RESULTADOS

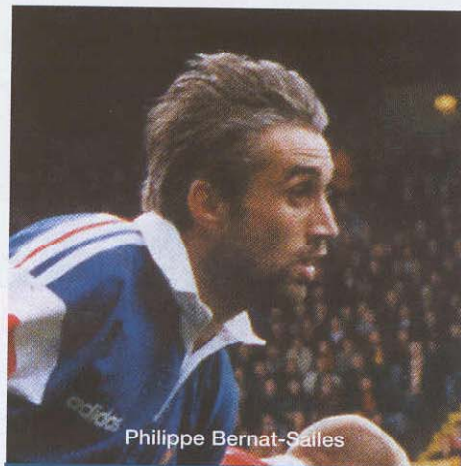
França - Inglaterra	24 - 17
Irlanda - Escócia	16 - 17
Escócia - França	16 - 51
Inglaterra - P. Gales	60 - 26
França - Irlanda	18 - 16
P. Gales - Escócia	19 - 13
Escócia - Inglaterra	20 - 34
Irlanda - P. Gales	21 - 30
P. Gales - França	0 - 51
Inglaterra - Irlanda	35 - 17

Internacional

marca de 1911 – a França obteve também a sua melhor marca de pontos (51) e ensaios (7), e logo por duas vezes.

As restantes três selecções provaram estar num patamar bem inferior. Curiosamente, e apesar de classificada mais uma vez no último lugar, a Irlanda foi a que deixou melhor imagem, com derrotas pouco expressivas, e isto apesar de ter visto o seleccionador Brian Ashton demitir-se a meio da prova, sendo substituído

pelo neo-zelandês Warren Gatland. País de Gales e Escócia continuam com dificuldades, não correspondendo à soma das suas individualidades. O caso dos galeses então, é bastante inquietante: 111 pontos sofridos frente à Inglaterra e França a ano e meio do seu Mundial, é coisa para não deixar ninguém dormir! E a partir de 2000, aí está a Itália para aumentar as suas preocupações. Os britânicos que se cuidem... ●



Philippe Bernat-Salles

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	P. Marc.	P. Sofrid.	P	Dif
França	4	4	-	-	144	49	8	+95
Inglaterra	4	3	-	1	146	87	6	+59
P. Gales	4	2	-	2	75	145	4	-70
Escócia	4	1	-	3	66	120	2	-54
Irlanda	4	-	-	4	70	100	0	-30

MAIS ENSAIOS MARCADOS

Philippe Bernat-Salles (França)	4
Allan Bateman (P. Gales)	3
Denis Hickie (Irlanda)	3

HONG KONG SEVENS

FIJI SOMARAM MAIS UM TRIUNFO

Os Campeões do Mundo de Sevens, as Ilhas Fiji, conquistaram a edição 98 do Hong Kong Sevens, o que constituiu o seu oitavo triunfo em 22 anos de Torneio. A equipa comandada por Waisale Serevi — esta foi a sua décima presença em Hong Kong — dominou mais uma vez a prova, vencendo na final a Samoa Ocidental por 28-19.

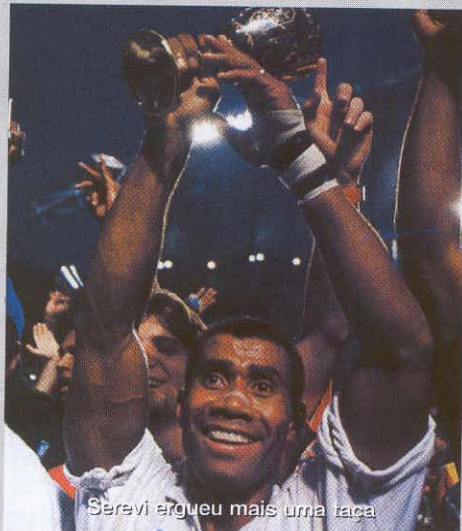
Refira-se que Inglaterra, Irlanda e Escócia estiveram ausentes este ano, enquanto que Austrália, África do Sul, França e Nova Zelândia se fizeram representar por jogadores sem renome no rugby de sevens, correspondendo mais uma vez à tendência de criar especialistas em cada uma das variantes. Como excepções surgiram, já em fim de carreira, os capitães australiano David Campese, sul-africano Chester Williams e o neo-zelandês Eric Rush, este um especialista de sete.

Aliás a ausência de grandes nomes no Torneio, parece estar na origem da decisão dos seus organizadores de passar a realizá-lo no mês de Outubro, já a partir do ano 2000.

Após as poules iniciais, decorreram no último dia as eliminatórias decisivas. Nos quartos-de-final, enquanto que a Samoa Ocidental se desembaraçou facilmente

do Canadá, Fiji e Nova Zelândia venceram com certa dificuldade, respectivamente a Austrália e a Argentina (deixou excelente impressão em Hong Kong). O África do Sul-França constituiu o jogo mais emotivo, tendo sido necessário recorrer a prolongamento com *morte súbita*, para a vitória sorrir aos sul-africanos.

Nas meias-finais, a Samoa Ocidental esmagou a África do Sul por 45-7, com os irmãos Samania em evidência. As Fiji triunfaram sobre a Nova Zelândia (24-7) num grande jogo de sevens, com Serevi e Vunibaka em destaque.



Serevi ergueu mais uma taça

No jogo da final, as Fiji tiveram mais dificuldades que o esperado pois a Samoa nunca se entregou. Quando já no segundo tempo, dois ensaios sucessivos de Aialoa Samania — o melhor marcador do Torneio com 11 ensaios — colocaram a vantagem das Fiji em apenas dois pontos (21-19), chegou a perpassar pelo estádio a ideia da reviravolta. Mas um último ensaio dos Campeões do Mundo arrumou em definitivo a questão. ●

QUARTOS-DE-FINAL

Samoa Ocidental, 52 - Canadá, 0
A. Sul, 24 - França, 19 (19-19)
Fiji, 21 - Austrália, 7
N. Zelândia, 19 - Argentina, 7

MEIAS FINAIS

Samoa Ocidental, 45 - A. Sul, 7
Fiji, 24 - N. Zelândia, 7

FINAL

Fiji, 28 - Samoa Ocidental, 19

BOWL CUP

(17.º ao 24.º lugares)
Marrocos, 31 - Taiwan, 14

PLATE CUP

(9.º ao 16.º lugares)
Coreia do Sul, 40 - Papua Nova-Guiné, 14



FASES DE APURAMENTO

PACÍFICO

1.ª FASE

Taiti 0, - Ilhas Cook, 40
Papua Nova Guiné, 92 - Taiti, 6
Ilhas Cook, 22 - Papua Nova Guiné, 19

2.ª FASE

Fiji 20, - Tonga, 10
Tonga, 68 - Ilhas Cook, 12
Ilhas Cook, 7 - Fiji, 53

3.ª FASE

Apurados: Austrália, Samoa Ocidental,
Fiji, Tonga

AMÉRICA

1.ª FASE - Série 1

Guiana - Trindade e Tobago
(Cancelado)
Brasil - Guiana (Cancelado)
Trindade e Tobago, 41 - Brasil, 0

1.ª FASE - Série 2

Barbados, 23 - Bahamas, 37
Bermuda, 52 - Barbados, 3
Bahamas, 3 - **Bermuda**, 24

2.ª FASE

Trindade e Tobago, 6 - Bermuda, 52
Trindade e Tobago, 6 - **Chile**, 35
Chile, 68 - Bermuda, 8

3.ª FASE

Chile, 54 - Paraguai, 6
Uruguai, 20 - Chile, 14
Paraguai, 3 - **Uruguai**, 43

4.ª FASE

Apurados: Argentina, Canadá, Estados
Unidos, Uruguai
(A disputar em Buenos Aires entre 15 e
22 de Agosto 98)

1.ª FASE - Série 1

Áustria - Jugoslávia (Cancelado)
Israel, 15 - Áustria, 3
Áustria, 6 - **Ucrânia**, 36
Suíça, 31 - Áustria, 3
Ucrânia, 60 - Jugoslávia, 6
Jugoslávia, 10 - Israel, 7
Suíça, 0 - **Ucrânia**, 30
Israel, 9 - Suíça, 9
Ucrânia, 40 - Israel, 26
Jugoslávia, 8 - Suíça, 0

2.ª FASE - Série 1

Geórgia, 29 - Croácia, 15
Dinamarca, 8 - Geórgia, 19
Itália, 102 - Dinamarca, 3
Croácia, 23 - Rússia, 16
Itália, 31 - Geórgia, 14
Rússia, 18 - Itália, 48
Rússia, 45 - Dinamarca, 9
Dinamarca - Croácia (16/05/98)
Geórgia - Rússia (20/05/98)
Croácia - Itália (30/05/98)

3.ª FASE

Apurados: Inglaterra, Escócia,
(A realizar em Huddersfield em
Dezembro 98)



EUROPA

1.ª FASE- Série 2

Bulgária, 6 - Moldávia, 14
Croácia, 46 - Bulgária, 31
Bulgária, 7 - Noruega, 22
Moldávia, 31 - Noruega, 7
Noruega, 7 - **Croácia**, 43
Letónia, 89 - Bulgária, 0
Croácia, 60 - Moldávia, 5
Moldávia, 3 - Letónia, 8
Croácia, 40 - Letónia, 26
Letónia, 26 - Noruega, 6

2.ª FASE- Série 2

Bélgica, 13 - Roménia, 83
Ucrânia, 48 - Bélgica, 5
Holanda, 49 - Polónia, 7
Holanda, 35 - Ucrânia, 13
Polónia, 30 - Bélgica, 10
Bélgica, 16 - Holanda, 19
Roménia, 42 - Holanda, 3
Roménia, 74 - Polónia, 13
Polónia - Ucrânia (16/05/98)
Ucrânia v Roménia (30/05/98)

1.ª FASE - Série 3

Luxemburgo, 16 - **Andorra**, 30
Luxemburgo, 3 - Hungria, 12
Lituânia, 26 - Luxemburgo, 3
Suécia, 48 - Luxemburgo, 5
Andorra, 54 - Lituânia, 24
Hungria, 5 - **Andorra**, 34
Andorra, 21 - Suécia, 20
Hungria, 16 - Lituânia, 3
Suécia, 39 - Hungria, 17
Lituânia, 17 - Suécia, 84

2.ª FASE - Série 3

Rep. Checa, 45 - **Andorra**, 20
Alemanha, 31 - Rep. Checa, 17
Andorra, 11 - Alemanha, 56
Andorra, 3 - Espanha, 62
Espanha, 39 - Rep. Checa, 8
Portugal, 30 - Alemanha, 6
Rep. Checa, 10 - Portugal, 15
Alemanha, 9 - Espanha, 24
Espanha, 33 - Portugal, 22
Portugal - **Andorra** (30/05/98)

e os 2 primeiros de cada uma das três séries da 2.ª Fase.
entre 14 e 22 de Novembro 98, e Edimburgo entre 28 de Novembro e 5 de

ÁSIA

1.ª FASE

Sri Lanka, 18 - Singapura, 15
Singapura, 11 - Tailândia, 16
Tailândia, 15 - **Sri Lanka**, 30

2.ª FASE

Malásia, 15 - Sri Lanka, 37
Sri Lanka, 29 - **Taiwan**, 34
Taiwan, 51 - Malásia, 13

3.ª FASE

Apurados: Japão, Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan
(A disputar entre 24 e 31 de Outubro 98)

ÁFRICA

1.ª FASE

Botswana, 13 - Zâmbia, 20
Zâmbia 30, - **Gulf**, 44
Gulf, 53 - Botswana, 13

2.ª FASE

Quênia, 37 - Gulf, 18
Gulf, 12 - **Tunísia**, 11
Tunísia, 52 - Quênia, 5

3.ª FASE

Zimbabwe, 43 - Tunísia, 9
Tunísia, 20 - **Namíbia**, 17
Namíbia, 32 - **Zimbabwe**, 26

4.ª FASE

Apurados: Marrocos, Costa do Marfim, Zimbabwe, Namíbia
(A disputar em Casablanca entre 12 e 19 de Setembro 98)



ANTÓNIO COELHO

FORMAÇÃO DO PRATICANTE DE RUGBY

UMA DIRECÇÃO PROGRAMÁTICA (1.ª PARTE)



O modelo representativo que a seguir se expõe, constitui uma proposta de trabalho, fundamentada na pesquisa, estudo e prática de vários anos.

Aparente complexidade de um jogo de rugby caracteriza um quadro vasto de variáveis Físicas, Técnicas, Táticas e Psicológicas, que se expressam num grande espaço, tornando necessário, no entanto, que as respostas às constantes enunciadas se desenvolvam de acordo com um processo correcto de análise, racionalização e sistematização das componentes do jogo.

O treino como somatório dos factores de natureza física, técnica, tática e psicológica, procura que este somatório constitua um modelo de jogo, dinâmico e de movimento.

O processo de ensino/treino do rugby equaciona sempre duas variáveis fundamentais: por um lado a natureza do que se vai ensinar, o rugby, e por outro o objectivo a que se dirige, isto é, jovens e adultos.

Sabe-se que o rugby dos adultos apresenta estruturas e contém situações que pela sua complexidade são incompatíveis com o processo natural de desenvolvimento de crianças.

O processo de preparação de um jovem não deve dirigir-se para um estado de especialização prematura: pretende-se uma preparação planeada e sistematizada racionalmente, em harmonia com o processo de desenvolvimento. Antes de atingir as acções colectivas complexas e um sistema de jogo bem definido, os jovens praticantes devem conhecer a maior parte dos princípios básicos do jogo, tanto no plano ofensivo como no defensivo, isto é, as etapas iniciais constituem a formação e a preparação para o futuro, e o treino e a competição são meios dessa formação e não as formas de obtenção de rendimentos imediatos.

O processo de ensino/treino não pode reduzir a aprendizagem a um processo de imitação e repetição de uma gama de partes técnicas, como resposta a este ou aquele problema imediatamente; deve antes perfilhar-se uma linha de acção que leve o praticante à organização de "aptidões de decisão" que lhe permita "escolher para agir" em diferentes ocasiões, equacionando e relacionando as acções adequadas no decorrer do jogo.

FORMAÇÃO/INICIAÇÃO - 8 AOS 10 ANOS BENJAMINS

Bases Metodológicas

1. O treino não deve constituir uma forma de obter rendimentos máximos imediatos, rejeitando-se a utilização de programas específicos e unilaterais.
2. Respeito pelas Leis do Crescimento e desenvolvimento da criança.
3. Utilização predominante de metodologia global-jogo - e constante análise sobre os comportamentos observados.
4. Definição de lateralidade - desenvolvimento do lado fraco e aperfeiçoamento do lado forte.
5. Grau de complexidade reduzida e número elevado de repetições dos exercícios Técnico-Táticos.
6. Intensidade baixa e execução correcta dos exercícios Técnicos.
7. Apropriação consciente das acções Táticas.
8. Trabalho com grupos pequenos em espaços largos.

Plano programático

Descoberta de si mesmo. Integração no clube (vida do clube, equipamento, material, higiene). No jogo é importante:

- a) Liberdade
- b) Variar
- c) Evitar repetir

Passé:

- Apanhar a bola
- a) Brincar com a bola (máximo de bolas)
 - b) Encaixe (bola lançada à mão)
 - c) Amortecer com o pé, controlar
 - d) Cair em bolas no solo (levantar-se de imediato)
 - e) Olhar para quem passa
 - f) Avançar
 - g) Passar para trás

- h) Pega da bola com as duas mãos
- i) Passe parado
- j) Endireitar a corrida

Apoio e recolocação

- a) Vir por trás, ajudar os companheiros
- b) Ir à bola e situar-se no terreno

Contra-ataque

- a) Espontâneo, recolhendo a bola no chão ou em intercepção
- b) Correr para a meta do adversário
- c) Arrojar-se no ataque
- d) Jogo livre (mínimo de regras) - bola muda amiúde de campo - acções individuais.

Defesa

- a) Preparação do ataque: defesa + lutar, esquivar, cambalhotas, quedas, mergulhar, agarrar.
- b) 1 contra 1: jogo de pernas, jogadores do mesmo gabarito com ligeira vantagem ao ataque.
- c) Ir ao encontro do atacante.

Reagrupamentos

- a) Estar em acção
- b) Dar a bola aos companheiros
- c) Em pé entregá-la
- d) No solo largá-la para o seu campo
- e) Entrar inclinado para a bola, "meter lá a cabeça"

Resumo:

- a) Dominante técnica: o passe
- b) Dominante tática individual: o passe em situação de jogo
- c) Dominante tática colectiva: o passe como forma principal de progressão ofensiva.

Princípios básicos do jogo

1. Considerar o jogo de uma forma global
2. Conhecimento das diferentes formas de jogo
3. Grande importância da posse da bola
4. Apoio ao portador da bola
5. Pressão defensiva
6. Estar disponível para jogar a bola

Filosofia do jogo

Exploração do passe até ao limite possível, como forma de desestabilizar os adversários e criar espaços na defesa contrária.

Filosofia do grupo

Exploração do talento individual de cada jovem

dentro dos princípios do rugby, isto é: rentabilizando o colectivo e não como forma de reacção individual.

Factores a incrementar

Confiança no contacto físico.

Ambientação com a bola e o choque com os adversários.

Qualidades físicas

Resistência aeróbica

Método da duração - contínuo - utiliza-se para desenvolver a resistência aeróbica.

Variantes na carga:

1ª Mesma intensidade

2ª Alternância cíclica de intensidade

3ª Variações de intensidade

Intensidade: 170 a 190 - idade

Volume: Grande

Duração: + ou - 8'

Não há intervalo.

Velocidade de reacção

Métodos/Meios - jogos

Força Geral

Métodos/Meios - trabalho com o peso do corpo e sem carga suplementar.

Agilidade

Exercícios individuais e em pequenos grupos.

Flexibilidade

No princípio e fim do treino.

FORMAÇÃO/INICIAÇÃO: 10 - 12 ANOS

INFANTIS

Bases Metodológicas

1. O treino não deve constituir uma forma de obter rendimentos máximo imediatos, respeitando-se a utilização de programas específicos e unilaterais.
2. Respeito pelas Leis do Crescimento e desenvolvimento da criança.
3. Utilização predominante da metodologia global - jogo - e constante análise sobre os comportamentos observados.
4. Definição da Lateralidade: é importante o desenvolvimento do lado fraco e o aperfeiçoamento do lado forte.
5. Grau de complexidade reduzida e número elevado de repetições dos exercícios Técnico - Tático.
6. Intensidade baixa e execução correcta dos exercícios Técnicos.
7. Apropriação consciente das acções Tácticas.
8. Trabalho com grupos pequenos em espaços largos.

Plano programático

Personalidade do jogador

- a) Muito receptivo
- b) Idade de ouro da aprendizagem
- c) Necessita de iniciativa
- d) Tomada de consciência do companheiro

Situação de jogo

Perceber e explorar uma vantagem numérica (+1) do 3 contra 1, ao 2 contra 1, com defensor recuado, passe a tempo.

Passes:

Passes de corrida

- a) Ir buscar a bola
- b) Estender os braços
- c) Rodar o corpo (cabeça, peito, braços)
- d) Comprimento do passe em função do companheiro
- e) Passes curtos
- f) Corredores de corrida
- g) Passe rápido: -> parado -> movimento

Passes rápidos - ter em atenção a velocidade dos braços (pulsos e dedos), melhorar o lado mau.

Passes acrobáticos, mergulho, invertido.

Apoio e recolocação

- a) Vir à linha da bola
- b) Recolocação do lado melhor do companheiro
- c) Dobrar passe, recolocação
- d) Evolução em linha, coluna, zig-zag
- e) Dispersar-se e agrupar-se
- f) Exercícios preparatórios de apoio
- g) Mudança de orientação do ataque
- h) Evitar a fadiga prolongada
- i) Sequência de jogo de 15" no máximo do esforço e recuperação completa.

Contra-ataque

- a) Pouco jogo ao pé. Contra-ataque do 1º tipo.
- b) Apanhar a bola-ligação do recuperador ao utilizador (que se recoloca para receber a bola lançada)
- c) Orientação de corrida - Apoio
- d) Criar ocasiões para o companheiro

Defesa

- a) Defesa flutuante
- b) Protecção individual da bola
- c) Placagem de lado e trás
- d) Deixar a bola no chão

Reagrupamentos

- a) Colocar-se e aproximar-se rapidamente da bola
- b) Empurrar no contacto com o adversário:
 - ombro contra ombro
 - resistir à queda
 - suportar as pressões
 - abanar-se quando está preso
- c) Transportar a bola:
 - dobrar-se
 - ligar-se ao companheiro
 - firmar-se
- d) Entrar de baixo para cima
- e) Definição e linhas de fora de jogo

Formação ordenada e alinhamento

- a) Formação ordenada, posição:
 - cabeça levantada
 - costas direitas e alinhadas
 - pernas afastadas

- ligações: companheiros e adversários adversários (1º pressão, 2º empurrar)
- estável, evitar a queda

b) Alinhamento:

- apreciação da trajectória
- tomar balanço
- rotação

c) Regras práticas:

- formação
- introdução
- linhas de fora-de-jogo

Resumo:

a) Dominante técnica:

- o passe
- o contacto/placagens

b) Dominante táctica individual:

- o passe em situação de jogo
- orientação da corrida do portador da bola
- defesa individual

c) Dominante táctica colectiva:

- o passe como forma principal de progressão ofensiva

Princípios fundamentais do jogo

1. Considerar o jogo de uma forma global
2. Conhecimento das diferentes formas de jogo
3. Grande importância na posse da bola
4. Apoio ao portador da bola
5. Pressão ofensiva e defensiva
6. Estar sempre disponível para jogar a bola

Filosofia do jogo

O passe como forma essencial de progressão ofensiva, até ao limite possível de sua execução, desestabilizando a defesa contrária através de criação de zonas frágeis na defesa contrária.

Filosofia do grupo

Acções colectivas adquirem cada vez maior importância sobre o individual.

Factores a incrementar

- a) Salto no alinhamento
- b) Maul

Qualidades físicas

Resistência aeróbica

- a) Método de duração - contínuo.
- b) Parâmetro semelhante ao escalão anterior.

Velocidade

- a) Velocidade de reacção - jogos.
- b) Velocidade de deslocamento corporal: jogos/estafetas.

Força geral

- a) Trabalho com peso do corpo e sem cargas suplementares.
- b) Utilização esporádica do corpo do companheiro.

Agilidade

Exercícios individuais e em pequenos grupos.

Flexibilidade

No princípio e fim do treino.

Por dificuldades de paginação não é possível publicar este trabalho de uma só vez, pelo que ele será concluído na próxima RM.

COMECAMOS PELAS DEFINIÇÕES

Lesões Traumáticas

ESTE ARTIGO É O PRIMEIRO DE UMA SÉRIE QUE ESPERAMOS LONGA, SOBRE TEMAS RELACIONADOS COM A SAÚDE, ESPECIALMENTE DEDICADOS AOS PRATICANTES E A TODOS OS QUE ESTÃO LIGADOS DIRECTA OU INDIRECTAMENTE AO RUGBY. ENTENDA-SE "SAÚDE" NO SEU SENTIDO MAIS AMPLO, QUE DIZ RESPEITO AO TRATAMENTO DAS LESÕES TRAUMÁTICAS, SUA PREVENÇÃO, ALIMENTAÇÃO E TREINO ESPECÍFICO DA MODALIDADE.

Deparamo-nos muitas vezes com um problema de definição de termos médicos ao serem transcritos na Imprensa, ou ao serem relatados pelo próprio atleta. Para tentarmos clarificar o assunto e esclarecer o significado de alguns termos médicos, este primeiro artigo visa precisamente as lesões traumáticas, sua definição, prevenção básica, tratamento primário e prognóstico.

Para facilitar a exposição falaremos de lesões ósseas, articulares, ligamentares e musculotendinosas.

1. Lesões ósseas - Fractura -

Interrupção brusca da continuidade de um osso. Não existe qualquer outro sinónimo (ex. Fissura etc...), os tipos de fractura é que são muitos e a sua descrição sai fora do âmbito do tema. Destacamos três tipos especiais: fractura exposta, em que o osso entra em contacto com o exterior, o que é extremamente grave; fractura em ramo verde, incompleta e só durante a infância e adolescência; fractura de stress por sobrecarga, tipicamente nos pés (metatarsos) e de aparecimento indolente. Não há prevenção efectiva contra as fracturas; quanto melhor for a condição física do praticante, a técnica individual no contacto e conhecimento das suas capacidades, menor a probabilidade de sofrer uma fractura. É importante também uma alimentação equilibrada e rica em cálcio. Na suspeita de uma fractura, é mandatória a observação por Ortopedista, para o seu correcto tratamento; este vai da simples imobilização ao tratamento

cirúrgico com osteossíntese. Especial menção às fracturas da coluna e sua potencial morbidade. O prognóstico da grande maioria das fracturas dos ossos longos, quando tratadas convenientemente é excelente, o mesmo não acontece com as articulares como iremos ver.

2. Lesões articulares

2.1 Sinovite - Inflamação da membrana sinovial (a mais interna) de uma articulação, causada por um traumatismo directo ligeiro; geralmente há um ligeiro aumento de volume da mesma devido ao aumento de líquido sinovial no seu interior. Prevenção eficaz com ligaduras funcionais (ex. tibio-társica, punho, dedos). O simples repouso, crioterapia (gelo) ou um anti-inflamatório-não-esteróide (AINE), são o tratamento eficaz. Prognóstico excelente desde que não se torne crónica.

2.2 Sub-luxação - Perda parcial do contacto entre duas superfícies articulares. Muito frequente nos dedos, daí a sua prevenção com ligaduras adesivas; nas outras articulações aplica-se o mesmo que nas fracturas. Uma sub-luxação, se não for tratada convenientemente, pode levar à destruição definitiva de uma articulação. Algumas das estruturas ligamentares podem ser destruídas nestas lesões o que implica uma recuperação atenta e um prognóstico bom. Atenção à coluna cervical.

2.3 Luxação - Perda total de contacto entre duas superfícies articulares. É geralmente um episódio dramático,

necessita de assistência ortopédica imediata e destrói completamente os ligamentos, sinovial e cápsula articulares; na coluna cervical pode ser fatal ou deixar sequelas neurológicas irreversíveis; no ombro e rótula pode tornar-se recidivante. É difícil prevenir uma luxação; a "contração" do jogador sempre que vai ao contacto, o controlo total de todos os seus movimentos e o uso de algumas protecções funcionais (ex. ombro) podem diminuir a sua ocorrência. Uma luxação é uma emergência ortopédica! Necessita de ser reduzida o mais depressa possível após Rx mandatório! Pode ser prejudicial e perigoso para um jogador uma redução imediata sem Rx, não sabendo se existe uma fractura associada. Para além de uma imobilização ou/e cirurgia, uma recuperação com Fisioterapia é fundamental. Como se compreende, dada a gravidade da destruição dos ligamentos e estruturas adjacentes, o prognóstico é variável e depende do local, tipo de tratamento, frequência e constituição física individual (a laxidez ligamentar é variável para cada pessoa).

2.4 Fracturas - A definição já foi dada; neste caso o traço da fractura atinge a superfície articular e é a forma mais grave de lesão de uma articulação. Não existem formas de prevenção eficazes. A destruição tecidual é enorme! O tratamento é quase invariavelmente cirúrgico - há que reconstruir a cartilagem o mais anatómico possível; há que reconstruir ligamentos; há que estabilizar os traços de fractura eficientemente; é imperiosa uma Fisioterapia "agressiva" e mobiliza-

ção precoce para se minimizar a rigidez; quanto maior for o tempo de imobilização, maior a atrofia muscular e mais difícil a recuperação. Um atleta tem que ser tratado de uma forma diferente; o movimento é fundamental! Apesar de todos estes esforços, as fracturas articulares deixam sempre sequelas de maior ou menor gravidade.

2.5 Condropatias - Neste capítulo englobamos todas as lesões que afectam exclusivamente a cartilagem e fibrocartilagens meniscais. Estas estruturas, assim como por exemplo o sistema nervoso, não se regeneram e o seu potencial de cicatrização é limitado. Estas lesões podem ser agudas, por trauma directo ou torsão, ou crónicas, por sobrecarga ou degenerescência. A prevenção das formas crónicas de condropatias é possível e envolve factores múltiplos, que vão desde a correcção de desalinhamentos dos membros, cinesiterapia correctiva postural, até ao calçado adequado, superfícies de treino, equilíbrio ponderal, etc...; um tema interessantíssimo mas de uma vastidão a merecer tratamento oportuno. Mais complexo, apaixonante e sem dúvida um dos campos de maior pesquisa e sofisticação tecnológica, é o tratamento cirúrgico destas lesões. Os avanços nesta área têm sido espectaculares nos últimos anos. Estivemos recentemente nos EUA onde tomámos contacto com os últimos resultados destas pesquisas, e que são promissoras em relação ao prognóstico sombrio que até há uns anos estas lesões tinham. O tema é tão complexo e actual que merecerá um artigo próprio futuramente.

3. - Lesões ligamentares - roturas de ligamentos. Este é o termo correcto de as definir; termos como distensão, entorse, etc..., são imprecisos e não definem a magnitude da lesão. As roturas são referidas de grau I a III consoante a sua gravidade. É possível a prevenção de algumas destas lesões, quer através de uma boa preparação física e esquemas de flexibilização, quer da protecção com ligaduras de algumas zonas específicas. A ressonância magnética (RMN) veio dar um contributo importante no diagnóstico preciso destas lesões. No entanto o clínico habituado a tratar lesões desportivas pode chegar a um índice diagnóstico altíssimo. O tema é vasto e complicado, até porque os ligamentos são diferentes entre si, a sua gravidade varia conforme a região do corpo, assim como o seu trata-

mento - ex.: as roturas dos ligamentos externos da tibio-társica raramente têm indicação cirúrgica, mas a rotura de um ligamento cruzado anterior do joelho tem quase sempre indicação cirúrgica. Entre estes dois extremos existe uma série de hipóteses terapêuticas a considerar. Como é óbvio o prognóstico depende da conjugação de todos estes factores.

4. - Lesões musculotendinosas. Este é sem dúvida um campo em que a prevenção joga um papel fundamental. Dentro desta vamos apenas enumerar aqueles que consideramos mais importantes: alimentação, higiene oral, preparação física (alongamentos, musculação, carga de treino e recuperação), calçado e ligaduras, superfícies utilizadas e condições atmosféricas. A Ecografia é o meio de diagnóstico e de monitorização de eleição para estes tipos de lesão.

4.1 - Contractura - Contração muscular mantida por alteração histoquímica, sem haver lesão anatómica.

4.2 - Distensão - Neste caso o músculo ultrapassou o seu limite de alongamento mas também não há rotura das fibras. Estas duas lesões têm tratamento simples (AINE, repouso ligeiro) e não deixam sequelas.

4.3 - Rotura fibrilar ou microrrotura - Neste caso existe já uma lesão

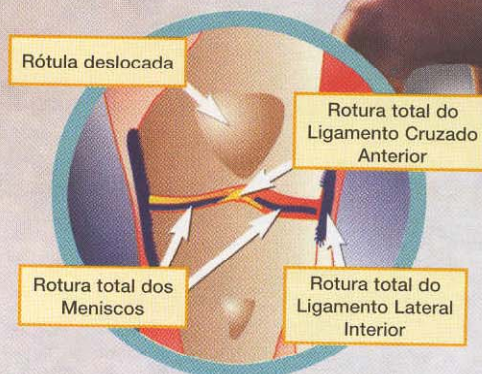
anatómica com rotura de algumas fibras, com reacção inflamatória local e sintomas específicos. O seu tratamento requer geralmente AINE, Fisioterapia e diminuição da carga de treino. O prognóstico é geralmente bom.

4.4 - Rotura parcial e total - Existe uma solução de continuidade em abundantes ou na totalidade dos feixes musculares. Os sintomas são floridos, a suspensão temporária do treino é mandatória, pode ter indicação cirúrgica em casos específicos; pode também deixar sequelas (hematomas, calcificações, fibrosites, etc...).

4.5 - Rotura tendinosa. Tendinite - O primeiro caso autodefine-se e invariavelmente tem indicação cirúrgica; o segundo, uma inflamação aguda ou crónica de um tendão, geralmente por sobrecarga física ou treino incorrecto, é por vezes difícil de tratar, pode levar à paragem do atleta e raramente tem indicação cirúrgica. As infiltrações com corticóides podem também ser um recurso para além da Fisioterapia. ●



Contrariando as expectativas iniciais, a grave lesão no joelho esquerdo de Tim Horan não acabou com a sua carreira



Interpretação e aplicação das leis do jogo

O Rugby como «Desporto de Combate», de contacto físico constante e de procura do espaço livre, privilegiando a condição física e atlética, regulamentado por vinte e oito leis, praticado por trinta jogadores e dirigido por um só árbitro auxiliado por dois juizes de linha, limitados nas suas funções, propicia uma variedade grande de situações técnico/táticas na cultura e inteligência da compreensão do jogo, leva a que se analise este desporto não pela forma abstracta das leis mas, fundamentalmente, pelo espírito e os princípios do jogo. Se a vontade de todos os jogadores, treinadores e «legisladores» é realmente privilegiar o jogo com a bola em constante movimento torna-se, por isso, fundamental não esquecer a arbitragem. Assim, dizemos que o árbitro é o catalizador indispensável para esse tipo de jogo. Os árbitros são os primeiros responsáveis pelo ensino/aprendizagem das Leis do Jogo, não de uma forma abstracta como simples artigos, mas situando-as numa racionalidade que rege as prestações dos jogadores levando em conta a actuação dos opositores. O conhecimento cada vez mais pro-

fundo do jogo permite ao árbitro compreender o «Porquê» e o «Como» dos comportamentos dos jogadores e, por outro lado, dá-lhe a possibilidade, seja em que situação do jogo for, de antecipar as suas decisões, prevendo as reacções (boas ou más) e de actuar ou não com eficácia.

A boa gestão do jogo passa pela decisão do árbitro quanto ao que é essencial ou secundário. Como tal ele deve constantemente fazer essa escolha, empenhado-se no projecto colectivo da equipa atacante, compreender o objectivo e favorecer o que deve ser favorecido.

Assim, o jogo vem então em primeiro lugar, a regra (lei) em segundo e o árbitro passa a ser o 31.º jogador.

Para tal, é necessário que as equipas manifestem as mesmas intenções, procurando um jogo dinâmico e leal. Segundo Pierre Villepreux, os árbitros exprimem comportamentos de personalidade que nos permitem dividi-los em **condescendentes** e **impulsivos**.

Os primeiros têm uma visão global importante do jogo que lhes permite integrar todos os dados, individualizando-os, funcionando com eles num conjunto. Os impulsivos

actuariam, na maior parte das vezes, sobre as acções individuais imediatas dos jogadores, descurando a continuidade do jogo.

Tanto num caso como no outro não é desejável algum excesso sob forma de se instalar no primeiro caso um *deixar fazer* que pode conduzir à confusão, ou no segundo caso tornar-se *num polícia* que intervindo constantemente paralisa o jogo.

Tal como os treinadores têm a preocupação em fazer com que os jogadores compreendam e se integrem progressivamente na lógica do jogo, de uma forma global, mas também a reagirem e a tomarem decisões individuais, do mesmo modo parece-nos, fundamental, que os árbitros sejam «formados» tendo em conta as suas aptidões na percepção de certos sinais, em particular os indicadores das possibilidades de continuidade e dinâmica de jogo. Assim, quando os árbitros e os jogadores tiverem a mesma percepção e interpretação das situações a evidência do objectivo do jogo tende a sobressair.

O rugby, diferencia-se dos outros Desportos Colectivos, pois os árbitros têm uma «arma suplementar»: a

Lei da Vantagem. Com isto, pretendemos tão somente demonstrar que o árbitro, dentro da variedade de situações existentes no rugby, é o complemento indispensável à produção de um jogo espectacular e eficaz. Disponibilidades para arbitrar e jogar andam a par, porque estão ligadas às transformações do Jogo e das Leis. Analisando sob o ponto de vista da complexidade das Leis e da cada vez maior velocidade de execução dos jogadores, talvez não fosse despropositado atribuir aos Juizes de Linha responsabilidades acrescidas, para além do jogo perigoso. Parece-nos que assim a arbitragem ganharia Serenidade e o jogo, Qualidade.



OLGÁRIO BORGES

A crise de alguns clubes

O Rugby Português pode vir a ser severamente afectado pela crise que alguns clubes atravessam. Um, o CDUL, em que a crise é mais aguda e outros, o Benfica e o Belenenses com sinais de crise latente. E estes três clubes são dos mais antigos e com mais referências do Rugby português.

Se, por um lado, a crise do CDUL é evidente – os resultados das suas equipas assim o demonstram – as crises do Benfica e do Belenenses, fruto da inexistência de locais próprios para treinar e disputar os jogos das suas equipas, são latentes e os resultados ainda mascaram esse dealbar de crise.

Nestes três clubes assentou o Rugby português nas décadas de cinquenta e sessenta, aos quais se vieram a juntar Agronomia, Direito, Académica, Técnico e CDUP. As raízes menos longínquas do Rugby em Portugal neles assenta, e é indispensável para a sua sobrevivência que esses clubes consigam ultrapassar as fases em que se encontram.

Por um lado, o CDUL, com situação aparentemente mais grave, terá que encontrar entre os discípulos dessa grande figura do Rugby que foi Vasco Pinto de Magalhães e as novas gerações que já só conheceram os ecos da sua influência, a linha de rumo que os fará ultrapassar as dificuldades actuais. Talvez seja necessário modificar orgânicas e estruturas, alterar conceitos e estratégias, mas, sinceramente o espero, é indispensável que o CDUL reencontre rapidamente o seu lugar no topo do Rugby nacional. Os casos do Benfica e do Belenenses são diferentes, mas não menos graves. A falta de instalações próprias levará a uma morte a médio prazo. É certamente prioritário para os homens da Luz e do Restelo dirigir os seus esforços para a obtenção de instalações próprias e dedicadas ao Rugby.

A juventude exige actualmente condições condignas para as práticas a que se dedica, não sendo já aceitáveis, como há vinte anos atrás o eram, os pelados do Restelo e do

Campo Grande e o lamaçal do EUL. E é bom não esquecer, que a concorrência de outras actividades, quer desportivas, quer lúdicas é cada vez mais intensa. E se os mais jovens ainda podem aderir ao Rugby por tradição familiar ou por acção de amigos, quando chegam à idade dos 18-20 anos procuram outras actividades, se não lhes souberem proporcionar condições que os fixem na nossa modalidade. Um bom exemplo é precisamente o Belenenses, que sempre teve equipas ganhadoras nos escalões até juniores, mas que não ganha nenhuma competição sénior desde a época de 1974/75.

O Rugby do Belenenses e Benfica poderá ter que repensar a sua ligação orgânica aos grandes clubes em que se integram, cuja vocação essencial, se não única, é o futebol profissional. Essa solução poderá não passar necessariamente pelo corte completo com o clube, mas sim pela criação de estruturas totalmente autónomas, com instalações próprias e com alguns graus de liga-

ção ao clube regularizadas através de protocolos estabelecidos entre organizações diferentes. Os homens de Belém e de Benfica, com a sabedoria fruto da experiência já vivida, saberão certamente encontrar os rumos apropriados para o futuro.

O Rugby português bem precisa desses três baluartes para se poder manter na linha de desenvolvimento que todos nós pretendemos. E a FPR poderá e deverá contribuir para que, de uma crise, os três clubes saiam mais fortificados.



PEDRO SOUSA RIBEIRO



Official match ball for the 1995 World Cup.

James Gilbert (Rugby Footballs) Ltd.

5, St. Matthews Street, Rugby CV21 3BY, England. Tel: 0788 542426 Fax: 0788 540795



A CGD Apoia o Desporto Jovem

A Caixa Geral de Depósitos apoia um projecto global de qualidade de vida, onde se inclui a actividade desportiva.

Ciente da importância do desporto como elemento de formação dos jovens portugueses,

a CGD incentivou modalidades como o Atletismo, o Rugby e a Vela, contribuindo para os excelentes resultados já obtidos em campeonatos nacionais, europeus e mundiais.

A CGD continuará a fomentar a prática do desporto, para que a sua total implantação nas camadas mais jovens seja uma realidade.

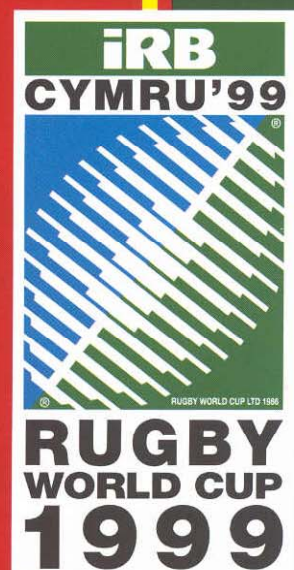
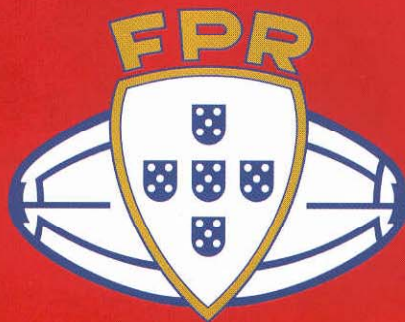


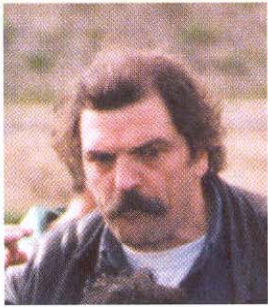
CAIXA GERAL DE DEPOSITOS
Conte Connosco

PORTUGAL-ANDORRA

LOUSÃ

30 de Maio de 1998





João Paulo Bessa
Seleccionador Nacional



Raul Patrício
Adjunto Selec. Nacional



António Coelho
Adjunto Selec. Nacional



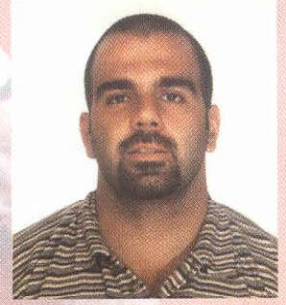
Joaquim Ferreira (cap.)
Pilar
CDUP
22 int.



Paulo Marques
Pilar
Técnico
5 int.



Sérgio Ferreira
Pilar
Direito
18 int.



Jorge Carvalho
Pilar/Talonador
Wanderers (África do Sul)
1 int.



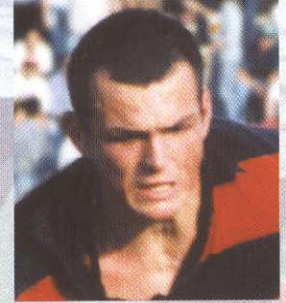
Pedro Vieira
2.ª Linha
Agronomia
2 int.



Marcello D'Orey
2.ª Linha / Nº 8
CDUP
11 int.



Rui Chança
3.ª Linha
Técnico.
4 int.



Miguel Portela
3.ª Linha
Direito
9 int.



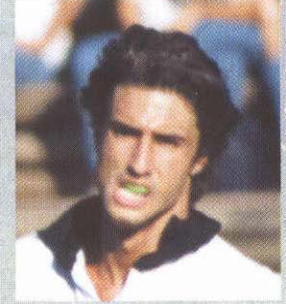
Nuno Mourão
Médio de Abertura
Técnico
29 int.



João Varela
Ponta
CDUP
7 int.



Ricardo Nunes
Ponta
Académica
4 int.



Rui Barata
Ponta
Direito
2 int.



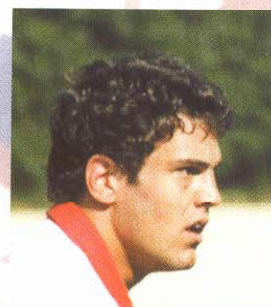
Paulo Silva
Talonador
Técnico
18 int.a



Pedro Rogério
2.ª Linha
Cascais
35 int.



Sommer Ribeiro
2.ª Linha
CDUL
5 int.



Pedro Melo e Castro
2.ª Linha / 3.ª Linha
CDUL
13 int.



António Cláudio
3.ª Linha
Agronomia
3 int.



Timothy King
3.ª Linha
Agronomia
1 int.



Luís Pissarra
Médio de Formação
Técnico
11 int.



Francisco Rocha
Médio de Formação
CDUP
5 int.



Filipe Saldanha
Ponta
Agronomia
2 int.



Sérgio Azevedo
Centro
Direito
7 int.



Salvador Amaral
Centro
CDUL
8 int.



Rohan Hoffman
Defesa
Técnico
12 int.

JOGOS ENTRE PORTUGAL E ANDORRA

	JOGO	RESULTADO	LOCAL	DATA
1	Portugal-Andorra	33-15	Coimbra	23-03-91
2	Andorra-Portugal	6-29	Andorra	28-03-92
3	Portugal-Andorra		Lousã	30-05-98

PORTUGAL		ANDORRA	
	1		
	2		
	3		
	4		
	5		
	6		
	7		
	8		
	9		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
Resultado ao intervalo:	<input type="text"/>		
Resultado final:	<input type="text"/>		